

Programa Estadual do Livro e da Leitura **VAMOS LER!**

Dia “D” da Leitura

Temática: Cultura Afro- Brasileira, Africana e Quilombola

“A EDUCAÇÃO NÃO TEM COR”

CADERNO IV



Fonte imagem: : educarparacrescer.abril.com.br

MARCELO DE CARVALHO MIRANDA
Governador do Estado

CLAUDIA TELLES DE MENEZES PIRES MARTINS LELIS
Vice Governadora do Estado

WANESSA ZAVARESE SECHIM
Secretário de Estado da Educação e Cultura

JARBAS FERREIRA DA COSTA
Subsecretária da Educação Básica

JUCYLENE M. DE CASTRO SANTOS BORBA BIAS
Superintendente de Desenvolvimento da Educação

ANA LÚCIA RODRIGUES MARANHÃO
Diretora de Ensino

TEREZA LUIZA DIAS WANDERLEY NUNES
Diretora de Educação para a Diversidade

ROSANGELA SOUSA TERREÇO
Gerente de Desenvolvimento de Ensino Fundamental

EDSON CARLOS M. DOS SANTOS
Gerente de Educação para a Diversidade

ERIALDO AUGUSTO PEREIRA
Gerente de Educação do Campo e Quilombola

Organização Final

Luciana Pegoraro Penteado Gândara

Roseli Bitzcof de Moura

Organização do Material

Gerência de Educação para a Diversidade/2016

Palmas, outubro de 2016.

Sumário

1.	Literatura afro - brasileira e africana	05
1.1	Mais sugestões de livros	26
1.2	Sites pesquisas	26
2.	Entrevista	
2.1	Sugestões de entrevista para sala de aula	26
2.1.1	Entrevista: é tempo de resgatar a cultura afro-brasileira	27
2.1.2	Papel da mídia e da educação no combate ao preconceito	32
2.1.3	As pesquisas na Bahia	41
3.	Sugestões de filmes e links	43
4.	Conhecendo o museu afro Brasil	53
5.	Roda de conversa	59
5.1.	Sucesso no ensino superior	59
5.2 .	Mulher africana	62
5.3.	Educação não tem cor	63
6.	Projetos Tocantinense	65
6.1	Encrespa Tocantins	65
6.2	Palmas hip hop	67
6.3	Alguns grupos escolares e a cultura afro brasileira	68
7.	Religiosidade e cultura	69
7.1	Vídeos sobre diversidade religiosa	71
8.	Considerações	71
9.	Referências	73

1. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

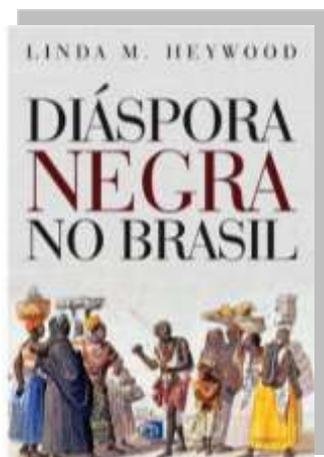


A Literatura Afro - Brasileira e Africana, reúne material sobre História, Cultura e Arte Africana. Aborda temas universais, trabalha crenças, tradições, valores. Os sites disponibilizam materiais que incentivam a pesquisa sobre a linguagem, cotidiano do negro no Brasil e outros. Abordar as lendas e contos africanos valorizando a transmissão oral de conhecimento e sabedoria, valorizando as tradições, as vivencia sociais e religiosas, o sentido dos mitos e fábulas, bem como, o cuidado com a terra e com os animais. As sugestões abaixo relacionadas têm o objetivo de divulgar livros que abordam a temática Cultura Afro-brasileira e Africana.

www.google.com.br/search?q=:+Cultura+Afro-+Brasileira,+Africana

DIÁSPORA NEGRA NO BRASIL

Linda M. Heywood (Org.) **Editora Contexto.**



Quase metade dos africanos que cruzaram o Atlântico veio da África Central. Pondo em evidência a zona cultural do Congo e de Angola, este livro ilustra como os povos africanos remodelaram suas instituições culturais, crenças e práticas na medida em que interagem com os negociantes de escravos portugueses até o ano de 1800. A partir daí, a obra segue os centro-africanos que foram trazidos para o Brasil e mostra como a cultura da África Central foi incorporada pela cultura brasileira. Diáspora negra no Brasil estabelece um novo paradigma que amplia a nossa compreensão da cultura africana e as forças que levaram à sua transformação, durante e após o comércio de escravos pelo Atlântico.

Esta obra colabora com a compreensão do papel efetivamente exercido por importante parcela do povo negro em nosso país e abre novos horizontes para historiadores, antropólogos, sociólogos e demais estudiosos da África e sua diáspora.

Fonte: (<http://editoracontexto.com.br/diaspora-negra-no-brasil.html>)

HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

Regiane Augusto de Mattos Editora Contexto



A lei nº 10.639 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Esse fato foi considerado um importante passo pelos movimentos de luta dos negros em todo o país. Guia esclarecedor e abrangente, pensado e elaborado de forma didática tanto para professores quanto para alunos, este livro vem preencher justamente essa lacuna. Com linguagem fácil, o que propicia uma leitura fluente, a obra mostra que, apesar dos obstáculos impostos pela escravidão no Brasil, os africanos e seus descendentes encontraram meios para se organizar e manifestar suas culturas e, assim, influenciaram profundamente a sociedade brasileira como um todo. Livro indicado para alunos e professores.

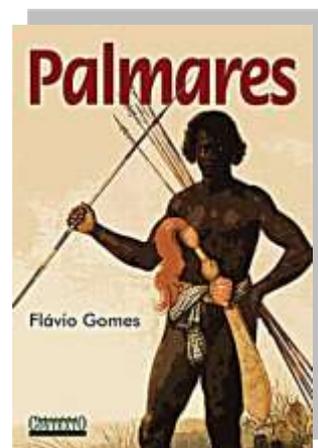
Fonte: <http://editoracontexto.com.br/historia-e-cultura-afro-brasileira.html>

PALMARES

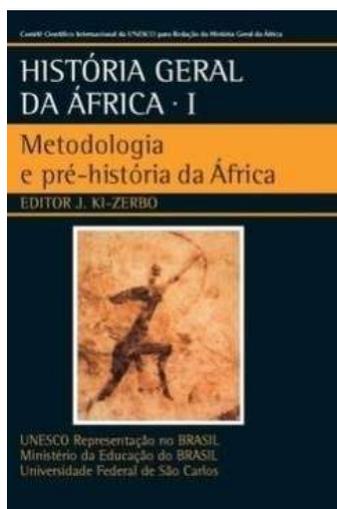
Flávio Gomes - Editora Contexto

Sinopse: Palmares foi a maior e mais conhecida comunidade de negros fugitivos da história das Américas. Formado por vários agrupamentos interdependentes e articulados no Nordeste açucareiro de Pernambuco e Alagoas, Palmares surgiu no final do século XVI e permaneceu até o século XVIII a representar esperança aos cativos e ameaça aos senhores.

O historiador Flávio Gomes narra a história de Palmares, desde os primeiros tempos e a luta constante com as autoridades até a morte de Zumbi e seu fim. O autor desfaz mitos e muda o olhar que até então se tinha sobre este tema tão relevante na história do Brasil.



Fonte: <http://editoracontexto.com.br/palmares.html>.



PRECONCEITO RACIAL –

Modos, Temas e Tempos- Antônio Sergio A. Guimarães –
Editora Cortez.

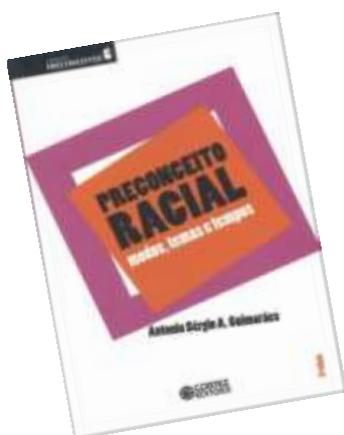
Sinopse: O preconceito de cor e de raça tem uma longa trajetória no Brasil, que dura desde a escravidão, até os nossos dias. É parte importantíssima de nossa história, e está presente em debates de nosso cotidiano (como não lembrar das discussões sobre cotas para estudantes negros em universidades públicas?). O livro descreve como esse tipo de discriminação foi criado através dos tempos, e aponta para possibilidades de garantir uma maior igualdade de oportunidades para a população negra.

Fonte: <http://www.cortezeditora.com.br/preconceito-racial-modos-temas-e-tempos-1214.aspx/p>

A ÁFRICA NA SALA DE AULA

Editora: Selo Negro

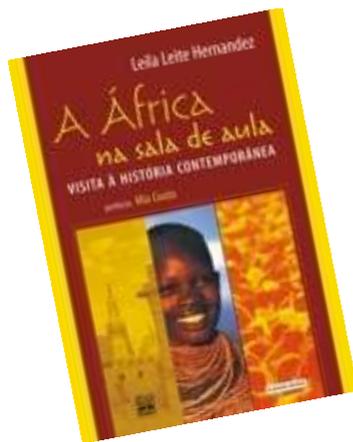
Leila Leite Hernandez



Sinopse- Uma visão clara e abrangente da África contemporânea, que reúne questões polêmicas sobre o domínio europeu e a diversidade das lutas contestatórias até a formação dos Estados nacionais. Com rica pesquisa cartográfica, a obra interessa aos estudiosos de história, geografia, antropologia, ciência política e sociologia.

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/b/leila-leite-hernandez/a-africa-na-sala-de-aula-visita-a-historia-contemporanea/1042197559>

HISTÓRIA GERAL DA AFRICA – UNESCO-2010



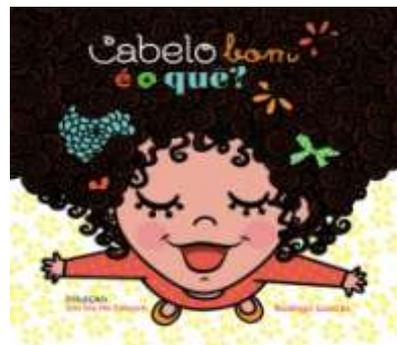
Sinopse - Publicada em oito volumes, a coleção História Geral da África está agora também disponível em português. A edição completa da coleção já foi publicada em árabe, inglês e francês; e sua versão condensada está editada em inglês, francês e em várias outras línguas, incluindo hausa, peul e swahili. Um dos projetos editoriais mais importantes da UNESCO nos últimos trinta anos, a coleção História Geral da África é um grande marco no processo de reconhecimento do patrimônio cultural da África, pois ela permite compreender o desenvolvimento histórico dos povos africanos e sua relação com outras civilizações a partir de uma visão panorâmica, diacrônica e objetiva, obtida de dentro do continente. A coleção foi produzida por mais de 350 especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, sob a direção de um Comitê Científico Internacional formado por 39 intelectuais, dos quais dois terços eram africanos.

Brasília: UNESCO, Secad/MEC, UFSCar, 2010.

Fonte: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>

CABELO BOM É O QUE?

“Essa é a história da Maria Filó, uma menina alegre e esperta, que curte seus cabelos cacheados, de montão! Sabe o que ela descobriu? Que cada um nasce de um jeito, com diversos tipos de cabelos, e que ser cacheada é muito legal. Como são lindos os cachinhos da Maria Filo...” (Contra capa livro online <http://online.fliphtml5.com/haok/mzji/#p=1>)



www.modamodamoda.com.br

O livro, ilustrado pela artista Anne Pires, de Campinas, está disponível on-line, <http://online.fliphtml5.com/haok/mzji/#p=1>, para uso pedagógico nas escolas.

A expressão “cabelo ruim” sempre incomodou o diretor da empresa brasileira de beleza Yenzah, Rodrigo Goecks. Pensando no bullying que sofrem as crianças

cacheadas, de norte a sul do Brasil, ele escreveu o livro infantil “Cabelo bom é o quê?”, para mostrar que todo cabelo é bom.

A marca ainda produziu um vídeo, feito com meninas de várias etnias, recitando o poema do livro.

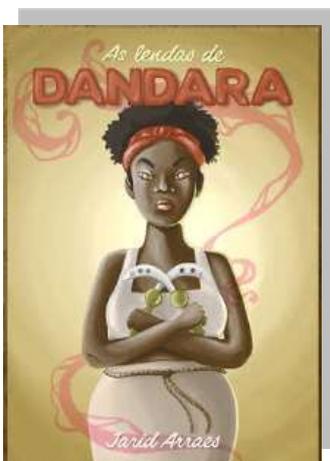
“São inúmeros os exemplos de preconceito vivenciados pelas crianças devido à esta expressão, cabelo ruim, que é comum em todo o Brasil. Qual o impacto disso na autoestima das crianças? Criamos a campanha #cabelobomémeu, com o livro, um vídeo com meninas de várias etnias e a hashtag, na web, para elevar a autoestima das crianças cacheadas e crespas, fortalecendo a relação das crianças com seu cabelo e, conseqüentemente, com a sua identidade. Estamos muito entusiasmados com o impacto transformador que pequenas ações como essas possuem.”, explica Goecks.

Link do livro online: <http://online.fliphtml5.com/haok/mzji/#p=1>

Link do vídeo sobre o tema: <https://www.youtube.com/watch?v=VmJYwim5bjE>, feito com meninas de várias etnias, recitando o poema do livro.

Fonte: <http://modamodamoda.com.br/cabelo-bom-e-o-que/>

AS LENDAS DE DANDARA



É um livro que mistura ficção, história e um toque de fantasia, onde são narrados dez contos sobre a guerreira quilombola Dandara dos Palmares, companheira de Zumbi dos Palmares. Escrito por Jarid Arraes e ilustrado por Aline Valek, o livro conta sobre a vida de Dandara desde o seu nascimento, explicando sua origem, suas conquistas e suas lutas.

Com muita aventura, suspense, acontecimentos sobrenaturais e até um pouco de romance, a autora conta de uma maneira mágica a forma como Dandara, desde sua infância, fez feitos dignos de uma lenda.

Os contos são inspirados em fatos reais da história do Brasil e valorizam a cultura afrobrasileira e a memória de Dandara, tão frequentemente esquecida da historiografia oficial e cuja existência é cercada de controvérsias. Devido a escassez de dados oficiais a seu respeito, a autora sentiu a necessidade de criar narrativas que pudessem inspirar os leitores e espalhar a imagem de uma guerreira negra forte, heroica e protagonista da própria história.

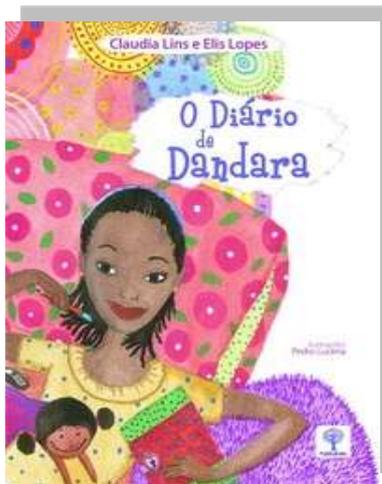
Embora seja voltado para o público adulto e adolescente, As Lendas de Dandara oferece um material inédito para os jovens e pode ser lido para crianças com a mediação de um adulto responsável, por tratar de temas de violência como o tráfico humano e a escravidão.

Fonte: <http://www.aslendasdedandara.com.br/>

Fonte para pesquisa:

https://www.youtube.com/watch?v=efTDg0nP_2o - Jarid Arraes, autora do livro As Lendas de Dandara, lê trecho do capítulo "Fogo na Casa Grande".

O Diário de Dandara

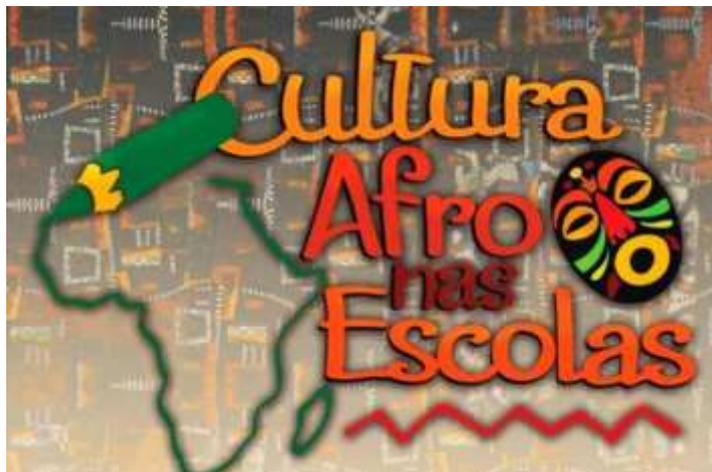


“Quando completa 13 anos, Dandara ganha da mãe um diário. O presente chega ao mesmo tempo em que uma porção de novidades em sua vida. Uma delas é a mudança da bisavó Ayodele, que veio do Quilombo para morar uns tempos na cidade de Maceió. Junto com a bisavó veio também a arca da família, um baú de estimação, recheado de segredos. Nele a adolescente vai descobrir incríveis histórias sobre o passado de seus ancestrais dos povos Banto e Iorubá, e lendas africanas, como a da árvore mágica que espalhou suas sementes pelo

mundo, até vir parar em solo alagoano”.

Patrocinado pelo Fundo de Investimento Social Ellas, o livro é resultado de um projeto de inclusão social desenvolvido pela ONG Instituto Baobá, que trabalhou oficinas literárias, de auto-estima, beleza e saúde com 20 meninas do conjunto Selma Bandeira. As ilustrações são do super talentoso Pedro Lucena, que traduziu em belas imagens todo colorido vibrante das matizes africanas.

Ensino da Cultura Africana nas escolas



Fonte imagem: <http://culturaafronasescolas.blogspot.com.br/>

Foi o desejo de produzir literatura infanto-juvenil com temática afro-brasileira que uniu as escritoras Claudia Lins, autora de outros seis títulos infantis, e a socióloga Elis Lopes, atuante profissional na mobilização de comunidades quilombolas nos estados de Alagoas e Bahia.

“A ideia do livro nasceu de um encontro que tivemos no Quilombo Filús, no município de Santana do Ipanema. Queríamos contar para as crianças sobre nossas heranças africanas, falar de Zumbi, de Dandara e dessa mistura de povos Banto e Iorubás que tanta influenciaram nossa cultura e a própria língua brasileira”, lembra Claudia Lins.

“Com Dandara queremos materializar o sentimento de pertencimento africano, falar para as crianças que elas descendem de uma África livre, não vieram de escravos, mas sim de reis, rainhas, princesas, sacerdotes e de toda uma realeza trazida à força do continente africano para viver a escravidão no Brasil”, dispara Elis Lopes.

A socióloga destaca a importância de recontar a história da África e dos afro-brasileiros com um novo olhar, revelando a trajetória de grandes impérios e civilizações africanos na construção da identidade dos povos das Américas.

“Esse é um livro que propõe além de tudo a elevação da auto-estima de crianças e adolescentes afro-descendentes, mas também esperamos que as anotações de Dandara, despertem nos adultos o interesse por pesquisar e descobrir as riquezas do continente africano, sua cultura, grandes civilizações, reinos e impérios”, dizem as autoras.

Assim como a protagonista do livro reencontra as raízes de sua ancestralidade remexendo na arca da bisavó quilombola, as escritoras também esperam que milhares de crianças e adolescentes brasileiros sintam o desejo de vasculhar nas memórias de suas famílias, ao ler e se encantar com as aventuras da adolescente Dandara.

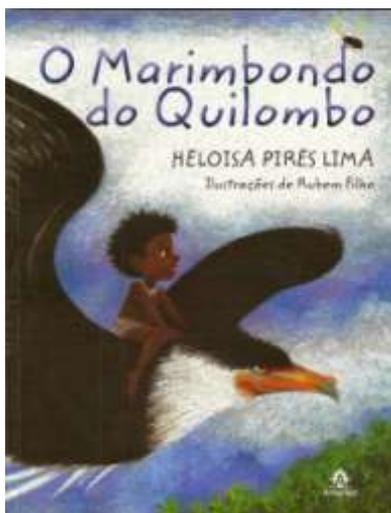
“É emocionante saber que descendemos de uma civilização que durante séculos foi detentora de diversas tecnologias, e que, a partir dessa leitura simples e cheia de cores da África, todos os alunos desse Brasil terão a possibilidade de aprender em seu cotidiano escolar informações preciosas que acreditamos poderão reconectá-los ao orgulho de descender da Mãe África”, apostam Claudia e Elis.

Fonte: Leia a matéria completa em: Plano de aula: O Diário de Dandara - Geledés <http://www.geledes.org.br/plano-de-aula-o-diario-de-dandara/#ixzz4BrW7d6mJ>

Follow us: @geledes on Twitter | geledes on Facebook

LIVROS INFANTO-JUVENIS

As dicas de literatura infanto-juvenis, abaixo relacionadas, são retiradas na íntegra do site <http://sacudindoascolaesuperandopreconceito.blogspot.com.br/p/dicas-de-leitura.html>,

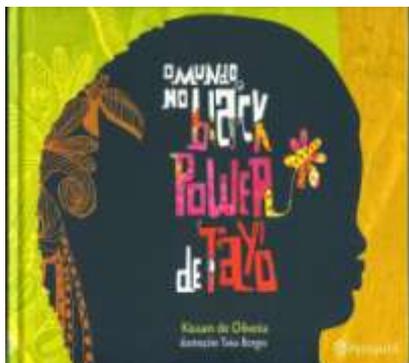


O MARIMBONDO DO QUILOMBO

Escrito por Heloísa Pires Lima - Ilustrado por Rubem Filho - Ed. Amarilys. A história é contada por um marimbondo e fala sobre um menino que enquanto dormia ao pé de uma árvore foi levado, por engano, como presa de um carcará. Espertamente, o menino o desafia a encontrar o calango com o qual fora confundido para poder retornar ao seu quilombo. Mas o carcará, confuso, enquanto tenta voltar ao local com o menino, nos faz viajar por diferentes terras até

chegar ao quilombo dos Palmares. Em muitos momentos, a autora brinca com as palavras e isto traz leveza ao texto.

O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ



Escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Taisa Borges - Ed. Peirópolis.

O livro conta a história de Tayó, que conforme consta no glossário da obra, significa "da alegria". A personagem faz jus ao nome, pois é uma menina que transmite a alegria de ser como é. Seus traços físicos característicos da população negra são evidenciados positivamente e como antecipa o título, seu cabelo black power se destaca e é motivo de alegria e orgulho. Diante dos comentários racistas sobre o seu cabelo, a menina tem uma resposta para dar. A autora evidencia o quanto de histórias de luta e de heranças africanas, o cabelo carrega.

CHEIRINHO DE NENÉM

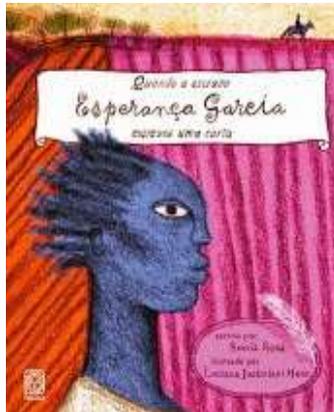
Escrito por Patrícia Santana - Ilustrações: Thiago Amormino - Ed. Mazza

O livro conta sobre a chegada de um irmãozinho na vida de uma menina. Que cheiros bons podem trazer este novo ser? O texto escrito e as imagens contemplam bons sentimentos a partir da chegada da criança. Não há ciúmes. A menina vê pontos positivos em tudo! É o início de uma relação com cheiro de amor, respeito e cuidados.



QUANDO A ESCRAVA ESPERANÇA GARCIA ESCREVEU UMA CARTA

Escrito por Sonia Rosa e ilustrado por Luciana Justiniani Hees. Editora PALLAS

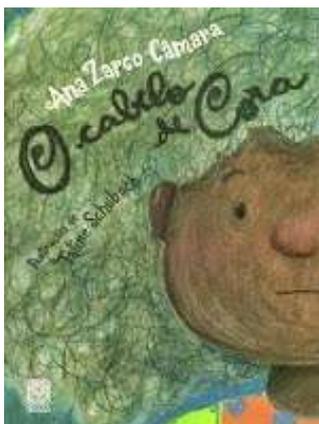


O livro conta a história de uma mulher escravizada, Esperança Garcia, que em 1770, no Piauí, escreveu uma carta ao governador denunciando os maus-tratos e violência sofridos por ela e pelo filho. Na carta, ela demonstra sua indignação e faz também outras reivindicações. É uma história que fala do uso da escrita como uma das formas de luta e resistência. De maneira envolvente, as palavras da autora nos fazem viajar no tempo e querer lutar ao lado de Esperança Garcia e de outras vozes silenciadas. Nas páginas finais do livro encontramos mais informações sobre a história de Esperança Garcia, ainda pouco conhecida.

Dica: Leitura recomendada não só para crianças, como para jovens e adultos também. Ao ler para turma de EJA, muitos alunos e alunas se emocionam e se sentem instigados a iniciar um bom debate.

O CABELO DE CORA

Escrito por Ana Zarco Câmara e ilustrado por Taline Schubach - Editora Pallas



Cora é uma menina que tem o cabelo muito cheio e todo enrolado e um dia recebe o conselho de uma amiga de escola para que fique com o cabelo preso, e assim, mais arrumado. Cora, sem saber o que dizer, vai à procura de uma tia que lhe fala sobre a beleza das diferenças e sobre a não existência de modelos.

A partir desta conversa, Cora resgata uma parte de sua história passando a valorizar a força e a beleza de seus cabelos. O livro é todo escrito em versos simples e com rima.

MESTRE GATO E COMADRE ONÇA

Recontada e ilustrada por Carolina Cunha - Ed. SM



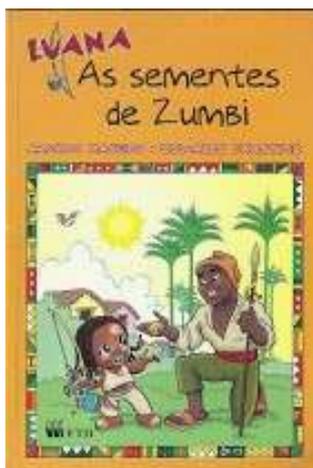
Nesta fábula afro-brasileira, o gato é um mestre de capoeira respeitadíssimo na floresta e se propõe a ensinar esta luta a outros animais para que possam se defender, principalmente, da onça. No entanto, para espanto de todos, até a onça procura o mestre para aprender capoeira. Só que as intenções da onça não se restringiam ao aprendizado. Ela queria mais.

Pretendia matar a sua fome, pois caçar andava difícil por aquelas bandas. A proposta inclusiva da capoeira está presente em vários momentos desta história. Sendo assim, a onça foi aceita para as aulas. A autora nos conta sobre as aulas do mestre gato, o aprendizado dos alunos, incluindo seu maior desafio, a onça. Como ler esta história sem ficar com vontade de descobrir quem venceu? A história pode ser lida em capítulos. Cada aula que termina, uma nova expectativa. Além das letras de cantigas de capoeira que são transcritas na narrativa, o livro traz também um CD.

LUANA: AS SEMENTES DE ZUMBI

Escrito por Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino. Ilustrado por Mingo de Souza.

Ed. FTD.

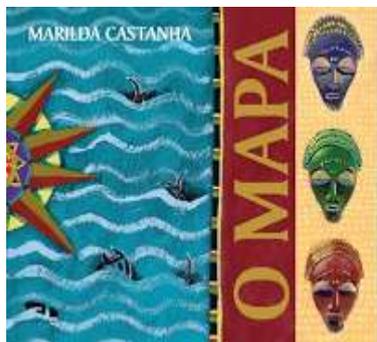


Desta vez, Luana, após ouvir o som do berimbau, viaja através do tempo e vai ao Quilombo dos Palmares. Lá, conhece um pouco da história e da vida cotidiana num Quilombo (trabalho, comércio, tradição oral, música, dança etc...) Passa a conhecer também um pouco sobre o herói e líder Zumbi, seus ascendentes e descendentes. Os autores colocam na ficção boa parte do que a história conta sobre O Quilombo dos Palmares e que nem

sempre os alunos estudam na escola. O livro traz, portanto, uma história de luta e resistência procurando mostrar o quanto que as "sementes" deixadas por Zumbi e

outros guerreiros são tesouros que fortalecem as lutas pelos direitos da população negra e pela liberdade de fato.

OS REIZINHOS DO CONGO



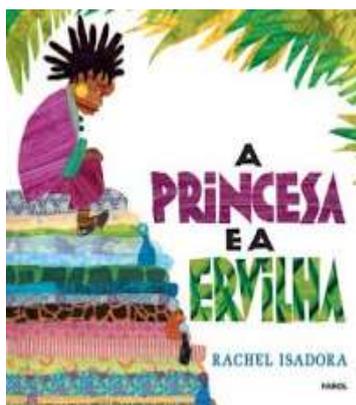
Escrito por: Edimilson de Almeida Pereira - Ilustração: Graça Lima -
Ed. Paulinas

O livro é composto por duas histórias: Reizinho de Congo e Rainha-menina. Por meio delas o autor procura mostrar um pouco da história das congadas, festa que, em meio ao sofrimento da escravidão, os escravizados celebravam os ancestrais. O texto traz o ritmo das palavras entoadas no festejo onde histórias inventadas se misturam à narrativa. O autor evidencia também o respeito às tradições e aos mais velhos. É ler e sentir vontade de ver o cortejo passar.

Para quem tem acesso ao DVD escola que foi enviado pelo MEC para várias escolas públicas, é possível fazer um trabalho utilizando o livro físico e livro animado produzido pelo FUTURA, dentro do projeto "A cor da Cultura", que também tem este livro animado.

A PRINCESA E A ERVILHA

Recontada e ilustrada por Rachel Isadora - Ed. Farol-DCL



Imaginem o clássico "A princesa e a ervilha", de Hans Christian Andersen, sendo vivido num país africano! Pois é exatamente isso o que a autora nos proporciona: viver essa narrativa com uma ilustração que mostra vestimentas e acessórios típicos do continente africano. As personagens são negras com diferentes tons de pele. E como o príncipe passa por vários lugares, a diversidade cultural está presente nas imagens. A autora aproveitou também para mostrar o cumprimento "olá" em três línguas africanas diferentes. O livro traz assim, um pouco da grande diversidade que podemos encontrar no continente africano.

O MAPA: MÁSCARAS AFRICANAS

Texto e Ilustrações de Marilda Castanha Ed. Dimensão

A história começa em uma aula de Artes na qual a personagem, ao ver o contorno de seu corpo feito por um colega, vai imaginando-o como um novo continente e, de início, guarda segredo temendo a possibilidade de exploração e colonização.

Cada parte do corpo que vai sendo acrescentada é relacionada a uma característica da geografia física do continente.

Ao descobrir nos livros a existência de um continente como o seu, até então imaginário, a personagem o identifica como continente africano.

A descoberta do continente, até então individual, passa a ser coletiva a partir da confecção de máscaras para uma festa onde as máscaras compradas prontas são trocadas por máscaras produzidas pelos alunos.

As ilustrações e o texto impresso nos trazem um pouco da rica diversidade do continente africano.

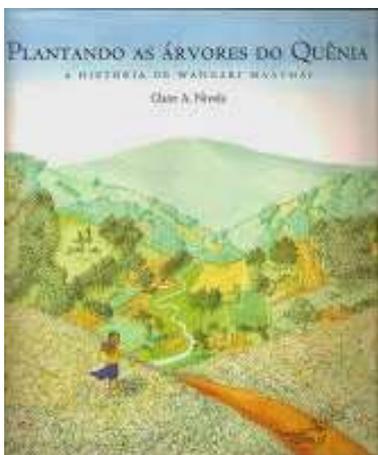
O livro oferece várias possibilidades de ampliação em diferentes áreas do conhecimento: história, geografia, artes.

No final há um pequeno texto sobre as máscaras africanas que têm usos bem diferentes das que são usadas no ocidente.

PLANTANDO AS ÁRVORES DO QUÊNIA

Escrito e ilustrado por Claire A. Nivola - Ed. SM

O livro conta a história de Wangari Maathai, primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz.



É uma história que fala de valores, meio ambiente, luta união, participação e ações transformadoras.

Como uma população pode deixar de contribuir, direta ou indiretamente, com a destruição do meio ambiente passando a agir de forma a promover mudanças a curto, médio e longo prazo? Que sementes uma pessoa é capaz de plantar não só no solo, mas também na cabeça das pessoas de modo a fazê-las se sentirem não só como parte do

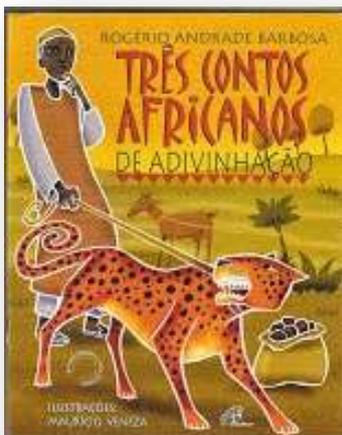
problema, mas também como parte da solução dos mesmos?

Impossível não falar também sobre as ilustrações. Cada página pode ser considerada uma obra de arte.

Não canso de apreciar os detalhes e a delicadeza dos traços.

TRÊS CONTOS AFRICANOS DE ADIVINHAÇÃO

Texto: Rogério Andrade Barbosa - Ilustrações: Maurício Veneza - Ed. Paulinas



Leitura recomendada não só para crianças, como para jovens e adultos também. Ao ler para turma de EJA, muitos alunos e alunas se emocionam e se sentem instigados a iniciar um bom debate.

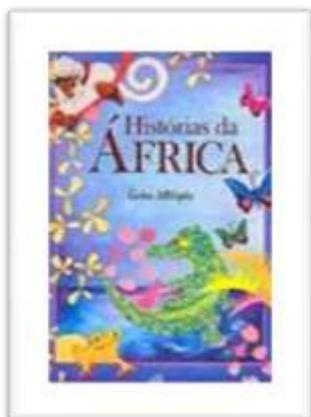
O outro conto é bastante conhecido, mas em outras versões. Fala sobre encontrar solução para atravessar um rio em uma canoa pequena onde não é possível levar ao mesmo tempo dois animais e um saco de alimento. Como resolver sem correr risco de perder nenhuma das cargas e também respeitar tradições do povo?

Ouvir as soluções dadas pelos alunos e procurar saber como culpados pelos sumiços dos bens foram descobertos podem render "muitos frutos".

HISTÓRIAS DA ÁFRICA

Texto: Gcina Mhlophe -

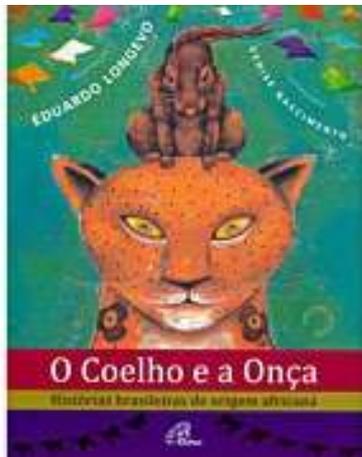
Ilustrações: Grupode ilustradores de KwaZulu-Natal - Editora Paulinas



O livro traz dez histórias da tradição oral africana. São histórias de gente e de bicho que falam sobre ética, solidariedade, amor entre outros temas. Conta também histórias que procuram explicar a origem das histórias e das relações entre alguns animais. Seus contos podem ser contados e recontados, lidos e relidos. Como os temas são bem variados podem contribuir ampliar ou iniciar muitas conversas.

O COELHO E A ONÇA: HISTÓRIAS BRASILEIRAS DE ORIGEM AFRICANA

Adaptação: Eduardo Longevo - Ilustrações: Denise Nascimento - Editora: Paulinas

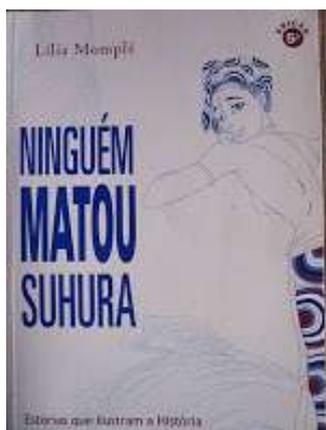


Como em muitas histórias do folclore africano, encontramos aqui a disputa entre a força física de um e a astúcia e inteligência do outro, considerado mais frágil. Além da disputa entre onça e coelho encontramos também o jabuti contra coelho e macaco jovem contra onça ratificando a ideia da vitória da inteligência sobre a força física. O livro é dividido em três histórias que formam uma. Inicia narrando o motivo da discórdia entre a onça e o coelho passando pelas tentativas

frustradas de conciliações e finaliza com uma moral. Durante a leitura é possível perceber elementos e acontecimentos que aparecem em outras fábulas e até com outras personagens, o que é bastante característico de histórias orais que há séculos são contadas e recontadas. É do tipo de história que costuma agradar a crianças e adultos.

OUTROS LIVROS

NINGUÉM MATOU SUHURA – Lília Momplé



“A felicidade jamais se alcançará definitivamente; é necessário conquistá-la dia a dia, com uma inabalável esperança no futuro, mas também com os ensinamentos do sofrimento passado.” Lília Momplé, in Ninguém Matou Suhura

Em Ninguém Matou Suhura, Lília Momplé nos remete a uma viagem sem retorno – primeiro pela forma ativa em que descreve os acontecimentos, levando-nos a uma constante atualização dos acontecimentos.

Ontem, esta obra foi escrita por alguém que estava cansada da opressão, da impunidade, injustiça prevaricada por uma raça branca de estrangeiros, que já se tinham tornado donos de tudo. Falo-vos dos portugueses – concretamente – o relato

do que “Aconteceu em Sawa – Sawa”, onde a autora ilustra os fatos datados de junho de 1935 e a abril de 1975.

Assim, Lília Momplé, começa o seu percurso fazendo a periodização da história de Moçambique, através das suas estórias.

Histórias que ilustram a história

Ninguém Matou Suhura não são apenas vives que a escritora nos leva a conhecer, mas trata-se de 5 contos – histórias que ilustram a história – relatados por quem as viveu e sentiu na pele, mais do que, por uma alma feminina que nos transmite, em cada parágrafo, alma de uma mãe que vive o calvário de ver seu filho atirado aos bichos.

Que não seja só por isso, até porque a esta obra, mais do que uma denuncia e desabafo dos macabros acontecimentos da era colonial em Moçambique, vem carregada de uma energia que a leva a renovar-se todos os dias, isto é, ler Ninguém Matou Suhura, é ter em si, o poder da escrita e em mão, uma verdadeira narrativa realista com dimensão única entre nós.

Ninguém Matou Suhura, é a consagração, logo a primeira, da Lília Momplé como uma verdadeira contadora de histórias em volta da lareira – Xitiku Ni Mbaula – pela objetividade da sua obra, mas pela eficiência do seu domínio da palavra, não deixa de criar uma convulsão para antes de nos passar a mensagem, fazer com que participemos das suas emoções.

LÍLIA MARIA CLARA CARRIÈRE MOMPLÉ



Nasceu em 19 de Março de 1935, na mítica Ilha de Moçambique, localizada ao norte do país, na província de Nampula. Concluiu seus estudos secundários na capital da colônia, na cidade de Lourenço Marques (hoje Maputo).

Na universidade, frequentou durante dois anos o curso de Filologia Germânica, deixando-o para formar-se em Serviço Social no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Depois de uma temporada na Grã-Bretanha (durante 1964) e de outra no Brasil (de 1968 a 1971), a escritora regressa definitivamente a Moçambique no ano de 1972.

Encerrados os seus estudos em Lisboa, Lília Momplé trabalhou como funcionária da Secretaria de Estado da Cultura como diretora do Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique (FUNDAC) e como secretária-geral da Associação de Escritores de Moçambique (AEMO), durante o período de 1995 a 2001. De 1997 a 2001, acumulou, juntamente com a função de secretária-geral da AEMO, a função de presidente da Instituição. Durante o período em que esteve na Presidência da Associação, não mediu esforços para aumentar a visibilidade das mulheres nas publicações da Instituição. Foi também representante do Conselho Executivo da Unesco, no período compreendido entre 2001 e 2005.

Apesar de suas colaborações dispersas na imprensa, Lília Momplé destaca-se no cenário da literatura moçambicana por seus três livros: *Ninguém matou Suhura* (contos, 1988), *Neighbours* (romance, 1996) e *Os olhos da cobra verde* (contos, 1997). Em 2001, foi agraciada com o Prêmio Caine para Escritores de África, com o conto “O baile de Celina”. Além desse prêmio, recebeu também o 1º Prêmio de Novelística no Concurso Literário do Centenário da Cidade de Maputo, com o conto “Caniço”. Esses dois contos foram originalmente publicados em seu primeiro livro, *Ninguém matou Suhura*. Lília Momplé tem livros traduzidos para o inglês e o alemão por editoras de reconhecido prestígio, tal como a Heinman.

Fonte: <http://powerofsentences.blogspot.com.br/2014/10/resumo-da-obra-ninguem-matou-suhura-de.html>

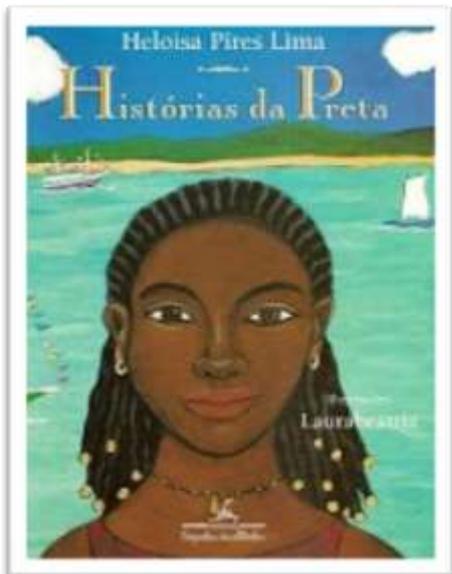
Espectáculo Teatral Ninguém Matou Suhura - Uma composição poética cênica.



Fonte: www.conexao.tocantins.com.br

Espectáculo teatral produzido pelo CONAC - Grupo de Pesquisa em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento

Sinopse



Livremente inspirado na obra homônima da escritora moçambicana Lília Momplé, o espetáculo percorre simbolicamente espaços de exploração do homem e da mulher africanos por parte da colônia portuguesa. Entre estupros e assassinatos, as imagens do espetáculo tentam dar corpo e voz à cotidianidade das relações entre africanos e portugueses, tendo em primeiro plano a condição e os sentimentos do explorado. Sem pretensões de construção de uma linearidade enquanto narrativa, essa composição poética cênica busca inserir o espectador no campo sensível de que os criadores

se valeram para fazer emergir o espetáculo. Com trilha sonora e iluminação operadas pelos próprios atores e em perspectiva intimista, "Ninguém matou Suhura" é uma tentativa de desafiar os sentidos de quem faz e de quem compartilha o momento da criação. Projeto patrocinado com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura, por meio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura - PROMIC 2013 - Palmas/TO.

- **Ficha Técnica**
- **Direção Geral, iluminação e cenografia:** Juliano Casimiro
- **Direção Musical:** Heitor Martins Oliveira

- **Produção:** Produza Stúdio Criativo – Stella Antunes
Produção Artística: Tales Victor Pontes Monteiro
Figurino: Kelly Barros
Assessoria de Imprensa: Cleuda Milhomem
Elenco: Amanda Diniz Gonçalves, Andrey Tamarozzy, Atila Desaparta, Cleuda Milhomem, Dayhan Lopes, Fabrícia Dajuda, Filipe Porto, Gleiciene Batista, Isilda Sales, Kelcy Emerich, Kelly Barros, Layane Pavão, Lisson Hemyrypar, Luciana Pegoraro, Marina Augusta Kamei Melo, Roni Bianchi, Roseli Bitzcof de Moura, Sílvia Lima Soares, Tales Victor Pontes Monteiro, Diego Santos.
- **Apoio:** Anne Raelly; Graciele Arsego
- **Para assistir o vídeo do espetáculo acesse:**
- <https://www.youtube.com/watch?v=yPfi1cMeVEI>
- **Fonte:** <http://www.conac.net/#!espetaculos/c1jnd>

HISTÓRIAS DA PRETA

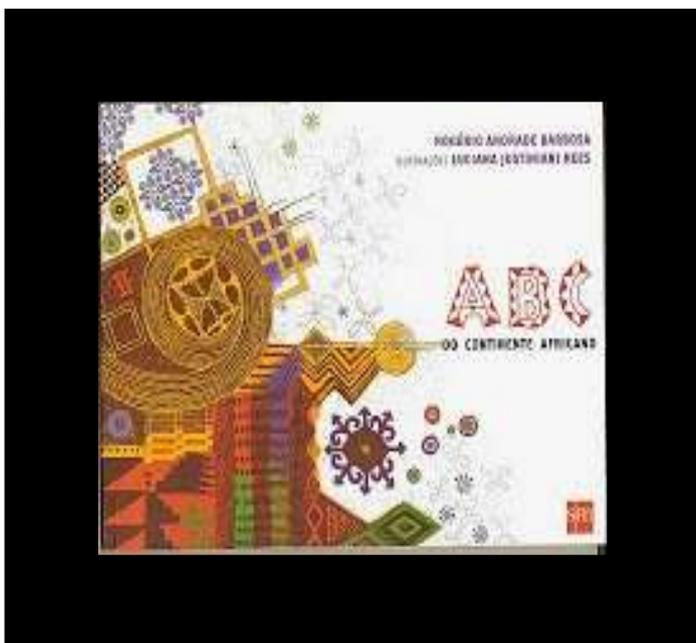
Escrito por Heloísa Pires de Lima e ilustrado por Laurabeatriz - Ed. Companhia da Letrinhas

Através deste livro é possível conhecer muito sobre África: História, culturas e religião de matriz africana contado pelo olhar crítico e questionador da personagem que dá nome ao livro. No decorrer da história vemos que a menina questiona também sobre o que é ser negro, o que o termo carrega de identificações negativas que podem levar a negação do ser negro. Paralelo a isto a personagem nos mostra o quanto é importante e significativo conhecer sobre a ascendência negra para a formação de uma identidade negra positiva. Quantos e quantas meninos e meninas não se identificarão com a "Preta" e seus questionamentos?

Há muitas histórias dentro desta narrativa com riquezas de informações. As ilustrações trazem também contribuições significativas. Como o texto pode ser considerado grande, uma sugestão é ler a história em capítulos. Vira uma "novela" com muita aprendizagem.

ABC DO CONTINENTE AFRICANO

Escrito por Rogério Andrade Barbosa e ilustrado por Luciana Justiniani Hees - Ed.SM



Como o próprio título sugere, o livro passeia pelo continente africano com sua diversidade e seus contrastes através das 26 letras do alfabeto. Para cada letra uma palavra. Algumas nos parecem tão simples, como a palavra mercado, mas que o autor de forma até poética e a ilustradora com certa riqueza em alguns detalhes, conseguem nos mostrar a importância e a movimentação existente no mercado como parte da cultura

23

de povos africanos.

Encontramos então palavras que nos são familiares como HISTÓRIAS e outras nem tanto como: KALAHARI.

É ler e conhecer um pouquinho deste continente com o qual muito podemos aprender.

A MENINA QUE GOSTAVA DE SABER



<http://lojaabaquar.com.br/>

<https://youtu.be/VIVF0p-od8Y>

<https://youtu.be/jP4Hhld3zMk>



A Série '**Sara e sua turma**' já tem livros publicados em diversos países e aborda temas como o preconceito, tolerância e bullying, mas as histórias envolvem diversos outros assuntos também ligados à realidade das crianças, como: a abordagem por estranhos na internet, situações comuns na escola e em grupos de amigos, com a família, entre outros.

Este livro foi escrito por Gisele Gama Andrade, doutora em Língua Portuguesa e pós-doutora em avaliação, que ao longo da história tem coordenado avaliações em larga

escala nacionais e internacionais e que tem comprometimento muito sério e efetivo a mais de vinte anos com a educação brasileira.

Gisele é professora, autora, consultora e empresária. Desde muito cedo desenvolveu sua paixão pela literatura. O livro deu tão certo que ganhou o mundo. Foi parar até no Japão. Muitas crianças se identificaram. Muitos pais e professores foram também tocados por sua mensagem. Escrevi com o coração. Acho que isso fez a diferença.

A coleção completa da Sara e sua turma é composta de 15 títulos, que são:

Sara e sua Turma

- A menina que gostava de saber
- A família de Sara
- Os cabelos de Sara
- O saci na horta
- Tem um fantasma aqui em casa
- O pequeno campeão
- Sara vai ao Japão
- Sara vai à praia
- A nova escola de Sara
- Vó Zoé
- A cilada
- A grande confusão
- O gatinho de Sara
- Os nerds
- Quebrando o silêncio

Fonte: <http://lojaabaquar.com.br/>

1.1 MAIS SUGESTÕES DE LIVROS

1. Neves, Elma: **A princesa Anastácia**/ Elma neves; ilustrações da autora _ São Paulo: DCL, 2006.
2. Rochael, Denise: **Senhora Rezadeira**/Denise Rochael; ilustrações da Autora _ São Paulo: Cortez, 2004.
3. Santos, Jose Rufino dos, **Gosto de África: história de lá e daqui**/José Rufino dos Santos; 4º Ed. _ São Paulo: Global, 2005.
4. Fiest, Hildegrad **Arte africana** / Hildegrad Fiest; 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2010.
5. **Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro**, Rosa Margarida de Carvalho Rocha, 167 pág. Ed. Mazza, tel. (31) 3481-0591.

1.2 SITES PARA PESQUISA

- <http://www.geledes.org.br/dicas-de-livros-infantis-para-celebrar-cultura-afro-brasileira/>
- <http://circomagicodaleitura.blogspot.com.br/2012/08/livros-com-tematica-afro-baixegratis-e.html>
- <http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/12-dicas-literatura-afro-brasileira-africana-729395.shtml>
- <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002270/227009por.pdf>
- <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/gratis-acesse-o-livro-historia-e-cultura-africana-e-afro-brasileira-na-educacao-infantil-2>
- <https://comitedehistoria.wordpress.com/2008/01/27/lei-10639-diretrizes-curriculares-em-literatura-de-cordel/>
- <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/cultura-a-arte-de-contar-lendas-e-historias-africanas>
- <http://lendasafricanas33c.blogspot.com.br/>
- <https://casadecha.wordpress.com/category/africa/>
- http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/pernambuco/solano_trindade.html

2. ENTREVISTAS

A entrevista é um material de apoio para professores e alunos, que contribui para formação de opinião, por meio de atividades em sala de aula como: análise, pesquisa sobre os assuntos abordados nas entrevistas, dramatização da entrevista e sobre a temática, jornal falado, roda de conversa, seminários, dentre outras.

2.1. Sugestões de entrevistas para o trabalho em sala de aula

A partir da leitura, análise e dramatização das entrevistas sugeridas, recomenda-se também, que alunos e professores selecionem outras entrevistas sobre a temática, de acordo a idade, nível e interesse de cada turma. As entrevistas sugeridas são mais indicadas para os alunos da 2ª etapa do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, podendo ser adaptadas para outros anos.

2.1.1. *Entrevista: É tempo de resgatar a cultura afro-brasileira*¹

Isabel Aparecida dos Santos Mayer Especialista em Pedagogia Social pela Universidade Salesiana de Roma. Atua no Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac), onde realiza formações para educadores.

belsantos@uol.com.br



www.mundo.jovem.com.

A chegada dos negros ao Brasil deu-se no cenário cruel da escravidão. Mesmo assim, podemos dizer que a presença negra trouxe cor e alegria para a cultura brasileira. Nos últimos anos, através da ação do movimento negro e de conquistas na legislação, verificamos cada vez mais uma presença positiva dessa cultura no Brasil. É o que nos conta Isabel Aparecida dos Santos Mayer, Bel Santos, especialista em Pedagogia Social pela Universidade Salesiana de Roma. Ela atua no Instituto

¹ Transcrição da entrevista com Isabel Aparecida dos Santos Mayer, publicada na edição nº 422, novembro de 2011. Disponível no site <http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-422-entrevista-e-tempo-de-resgatar-a-cultura-afro-brasileira>. Acesso em 15 de jun. 2016.

Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac), onde realiza formações para educadores incluírem na educação a história e a cultura da África e dos afro-brasileiros, conforme a Lei 10.639/03.

Como se constitui a cultura africana no Brasil?

Teve um início muito cruel e dolorido, pelo sequestro de pessoas de outro continente, no modelo que foi a colonização. E, ao trazê-las para o nosso país, tentar o acultramento, rebatizar, colocar novos nomes, tirar suas referências, impor outra religião, outra língua... Essa presença africana no Brasil teve que, de fato, ocupar os porões. A sala de visita ficou reservada para outra cultura. A cultura africana foi, então, encontrando brechas nas religiões, e aí a oralidade foi um elemento essencial para a sua permanência. O pouco também que conhecemos de pinturas feitas por africanos é um jeito de resistir, até na estética, no jeito de arrumar os cabelos, nos novos arranjos

familiares, na dança, na musicalidade. Foi uma cultura que ficou muito marginalizada, ao ponto de a capoeira e os agrupamentos negros na rua serem criminalizados após a escravidão. Então, para essa cultura se sustentar, não foi nada suave.

Há alguma característica genuína da cultura africana?

Com esta pergunta me lembro de um amigo do Zaire. Como ele não tinha religião, dizia que ficava irritado quando citavam a espiritualidade como característica africana. Então, é sempre um perigo quando se fala das características genuinamente africanas, porque existe a questão de como é que os africanos se olham. Mas para nós, no Brasil, a referência tem sido de considerar uma cosmovisão africana que traz elementos que nos diferenciam dos outros referenciais, como os europeus. Alguns autores usam esse referencial até para explicar por que em algumas situações foi "possível" a escravização de homens e de mulheres.

Mesmo assim a cultura africana se mantém viva no Brasil?

Há aquela situação de tentar jogá-la num lugar exótico. Tem um segmento interessado em conhecer essa cultura, em fazer museus vivos, onde a cultura, a história e a presença atual dos negros esteja dentro dos espaços. Mas, por outro lado, há sempre uma tentativa de guetizar, de deixar no exótico, "olha como são estranhos!". Hoje a gente vê algumas ações que levam o jogo da capoeira para as aulas de Educação Física. Então essa intersecção é importante, quando você traz outros jeitos de ter desenvolvimento físico através do resgate de elementos de uma cultura excluída.

A regularização dos territórios quilombolas auxilia a manutenção da cultura negra?

A titulação e o reconhecimento das comunidades quilombolas foi importante porque puxou o fio da nossa história, assim como a questão da Amazônia despertou para a presença do índio. Em nível nacional, há uma compreensão de que os índios ainda existem. Com relação aos descendentes quilombolas, essa compreensão não existia antes dessa discussão que culminou com a Constituição de 1988. Visitei quilombolas no estado da Paraíba, e lá existem comunidades que têm uma história de pertencimento a grupos familiares, uma história do desenvolvimento agrícola, mas elas desconhecem a sua história de quilombolas.

Elas estão no processo para serem reconhecidas, mas as famílias não têm essa compreensão. Até porque nas escolas, nesses lugares, a cultura negra e os heróis negros são invisíveis. Dentro das próprias comunidades quilombolas há um apagamento das suas histórias. Se formos olhar os programas federais desenvolvidos tanto pela Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Sepir), quanto pela Fundação Palmares, há várias ações voltadas exatamente para esse resgate da cultura quilombola. É uma oportunidade que não se pode perder.

O resgate da cultura africana também se dá na música, na literatura, na moda?

Quando eu era adolescente, nos meios de comunicação de massa, não tinha nenhum referencial estético negro, não existia nada. O único jeito de usar o cabelo era um jeito padronizado que trazia a ideia de cabelo liso como sinônimo de cabelo bonito, o chamado "cabelo bom". Quem não nascia com o cabelo liso tinha que fazer o cabelo ser "bom". Mas hoje existem revistas, como Raça, que foi muito criticada porque poderia promover o racismo no nosso país; ao contrário, ela trouxe para o cenário uma nova estética de cabelo, novas cores para a moda. Ela foi ao mesmo tempo resgatando e inaugurando outro olhar. A revista Estilo também traz sempre uma página "étnica", mas aí entra a coisa do lugar do exótico: étnico é o outro, e os brancos, são o quê?

Qual a contribuição da miscigenação para a cultura brasileira?

A questão da miscigenação também foi um processo muito dolorido em nosso país. Ela aconteceu em algumas situações de estupro, de abuso sobre o corpo, tornando-se uma mistura forçada, feita com dor. Mas depois é possível traduzir isso de uma forma muito boa. Então o que o país está fazendo hoje, com um marco legal, criando leis que obrigam a trazer essa presença africana para os currículos, para a mídia, para as várias produções é garantir que essa miscigenação não seja o que foi ao longo da história. Dom Pedro Casaldáliga dizia que "na história da América Latina,

muitas vezes se teve um pai branco, uma mãe negra ou indígena". E daí ele perguntava: "Optar pelo pai ou pela mãe"? É que a história optou pelo pai e esqueceu que a mãe existia.

Então essa mistura é a nossa oportunidade de trazer o pai, a mãe, os filhos, os irmãos e perceber que a nossa história é de muitos povos e de muitas histórias que começam até antes da presença negra no Brasil.

É importante termos políticas públicas para a superação do racismo e do preconceito? O marco legal é muito importante por esta obrigatoriedade que traz de travar debates, de se começar a produzir materiais, mesmo que a lei seja insuficiente para provocar mudanças. Parafraseando Martin Luther King: "A lei pode proibir que o outro me mate, mas não pode obrigá-lo a me amar". As mudanças das relações precisam de outro suporte, e a lei faz com que se criem políticas de ações afirmativas. Você pode ter ações, provocações e resistências individuais: um indivíduo com uma camiseta de 100% negro, com seu black power, sua trança... Mas como você rompe com o racismo institucional? Como você, dentro da instituição pública, quebra com a postura naturalmente racista de não ter recurso para atividades culturais que tragam a referência africana, de não ter recursos para escolas de qualidade nas comunidades quilombolas? Se há desigualdade, e queremos acabar com ela, tratemos os desiguais de jeitos diferentes, porque se continuarmos tratando os desiguais de forma igual, vamos perpetuar as desigualdades.

Você tem observado alguma iniciativa interessante na aplicação da Lei 10.639/03?

Em Guarulhos, SP, por exemplo, tem sido destaque a implementação da Lei 10.639/03, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica. Eles perceberam que não pode ser uma iniciativa somente do educador. O município investiu em cursos, como um de "metodologias de enfrentamento do racismo e de promoção da igualdade racial", que discute as práticas, desde as situações que acontecem na sala de aula, para você pensar: como é que alguém vai colocar isso no currículo sem ter conhecimento da história africana ou afro-brasileira? Então se trata de ter um professor que, além de desenvolver atividades na Semana da Consciência Negra, vai pensar uma forma de trazer o referencial africano para a Geografia, a História, a Literatura etc. Esses educadores produzem artigos que são publicados na revista Ashanti, que é distribuída para toda a Rede Municipal.

O município tem ainda o Prêmio Akoni de promoção da igualdade racial, que é para fotografia, ilustração em quadrinhos e slogans. São os alunos construindo campanhas de promoção da igualdade racial. Existem outras experiências: capacitação de educadores, educação a distância (UERJ), na comunicação (Canal Futura)... Então, estou bem otimista porque vejo mais avanços do que retrocessos com a regulamentação dessa Lei. Mas o professor precisa ir atrás dos materiais e compartilhar experiências entre educadores.

Como lidar com alunos que demonstram desinteresse pelos assuntos relacionados à cultura africana?

O jeito de lidar tem que ser o de não trazer a presença africana só no currículo na disciplina de História. Isso tem que estar nos painéis dentro da escola. Os caminhos são esses: colocar mais melanina, mais pigmentação no currículo como um todo, na estética da escola e trazer para o currículo a diversidade do povo brasileiro. A Alemanha, por exemplo, tem uma estratégia curricular: recontar a história para não esquecer e para não repetir os erros. As crianças estudam a Segunda Guerra, o Holocausto, visitam campos de concentração. Deveríamos, no Brasil, ter um museu que recontasse o que foi a escravidão e destacasse a presença negra no país. No entanto a nossa metodologia aqui tem sido a do "abafa o caso" e parar de falar para ver se esquece.

Por que dizer 100% negro?

Muitos perguntam se isso também não é racismo. Mas se pararmos na frente das lojas, das bancas de jornais, elas já eram 100% brancas. Então quando as organizações começaram a dizer 100% negro era exatamente para provocar esse debate, mostrar que vivíamos numa sociedade que se sentia 100% branca, mesmo sem estar escrito numa camiseta: todos os manequins brancos, todas as capas de revistas com pessoas brancas. Na verdade não somos 50% um e 50% outro, somos um monte de coisas.

Mas é importante trabalhar com esse desafio da diversidade, da humanidade e da identidade, que estão o tempo todo juntas. A minha humanidade garante que sou igual a todos; a diversidade, que sou igual a alguns e diferente de outros; e a identidade, que sou diferente de todo mundo.

Então você não consegue pegar um grupo e dizer que é 100% alguma coisa. Mas quando optamos por destacar uma diversidade de algum grupo, é exatamente para quebrar a hegemonia que finge e inviabiliza essa diversidade. Seria, por exemplo,

como discutir o “dia do homem”, porque existe o dia da mulher. Porque vivemos num país que ainda é machista, é importante que haja um dia para discutir a identidade da mulher. A mesma coisa quando foi se discutir o 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), pois temos um povo que adora feriado, e pela primeira vez vimos as pessoas reclamando de um feriado, por achar injusto ter um dia para discutir a questão racial. Nesse sentido, acho válido o debate que a camiseta provoca, de ter um grupo que não aceita a sociedade 100% branca e quer trazer a sua identidade.

Fonte: site <http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-422-entrevista-e-tempo-de-resgatar-a-cultura-afro-brasileira>. Acesso em 15 de jun. 2016.

2.1.2. *Papel da mídia e da educação no combate ao preconceito no país*²

Por Camila Souza Ramos e Glauco Faria

“O antropólogo Kabengele Munanga fala sobre o mito da democracia racial brasileira, a polêmica com Demétrio Magnoli e o papel da mídia e da educação no combate ao preconceito no país.



Foto: TV Brasil

Fórum – O senhor veio do antigo Zaire que, apesar de ter alguns pontos de contato com a cultura brasileira e a cultura do Congo, é um país bem diferente. O senhor sentiu, quando veio pra cá, a questão racial? Como foi essa mudança para o senhor?

Kabengele – Essas coisas não são tão abertas como a gente pensa. Cheguei aqui em 1975, diretamente para a USP, para fazer doutorado. Não se depara com o preconceito à primeira vista, logo que sai do aeroporto. Essas coisas vêm pouco a pouco, quando se começa a descobrir que você entra em alguns lugares e percebe que é único, que te olham e já sabem que não é daqui, que não é como “nossos negros”, é diferente. Poderia dizer que esse estranhamento é por ser estrangeiro, mas essa comparação na verdade é feita em relação aos negros da terra, que não entram em alguns lugares ou não entram de cabeça erguida.

² RAMOS, Camila Souza e FÁRIA, Glauco. *Papel da mídia e da educação no combate ao preconceito no país*. In: Revista Fórum. 09 de fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em març de 2016.

Depois, com o tempo, na academia, fiz disciplinas em antropologia e alguns de meus professores eram especialistas na questão racial. Foi através da academia, da literatura, que comecei a descobrir que havia problemas no país. Uma das primeiras aulas que fiz foi em 1975, 1976, já era uma disciplina sobre a questão racial com meu orientador João Batista Borges Pereira. Depois, com o tempo, você vai entrar em algum lugar em que está sozinho e se pergunta: onde estão os outros? As pessoas olhavam mesmo, inclusive olhavam mais quando eu entrava com minha mulher e meus filhos. Porque é uma família inter-racial: a mulher branca, o homem negro, um filho negro e um filho mestiço. Em todos os lugares em que a gente entrava, era motivo de curiosidade. O pessoal tentava ser discreto, mas nem sempre escondia. Entrávamos em lugares onde geralmente os negros não entram.

A partir daí você começa a buscar uma explicação para saber o porquê e se aproxima da literatura e das aulas da universidade que falam da discriminação racial no Brasil, os trabalhos de Florestan Fernandes, do Otavio Ianni, do meu próprio orientador e de tantos outros que trabalharam com a questão. Mas o problema é que quando a pessoa é adulta sabe se defender, mas as crianças não. Tenho dois filhos que nasceram na Bélgica, dois no Congo e meu caçula é brasileiro. Quantas vezes, quando estavam sozinhos na rua, sem defesa, se depararam com a polícia?

Meus filhos estudaram em escola particular, Colégio Equipe, onde estudavam filhos de alguns colegas professores. Eu não ia buscá-los na escola, e quando saíam para tomar ônibus e voltar para casa com alguns colegas que eram brancos, eles eram os únicos a ser revistados. No entanto, a condição social era a mesma e estudavam no mesmo colégio. Por que só eles podiam ser suspeitos e revistados pela polícia? Essa situação eu não posso contar quantas vezes vi acontecer. Lembro que meu filho mais velho, que hoje é ator, quando comprou o primeiro carro dele, não sei quantas vezes ele foi parado pela polícia. Sempre apontando a arma para ele para mostrar o documento. Ele foi instruído para não discutir e dizer que os documentos estão no porta-luvas, senão podem pensar que ele vai sacar uma arma. Na realidade, era suspeito de ser ladrão do próprio carro que ele comprou com o trabalho dele.

Meus filhos até hoje não saem de casa para atravessar a rua sem documento. São adultos e criaram esse hábito, porque até você provar que não é ladrão... A geografia do seu corpo não indica isso.

Então, essa coisa de pensar que a diferença é simplesmente social, é claro que o social acompanha, mas e a geografia do corpo? Isso aqui também vai junto com o social, não tem como separar as duas coisas. Fui com o tempo respondendo à questão, por meio da vivência, com o cotidiano e as coisas que aprendi na universidade, depoimentos de pessoas da população negra, e entendi que a democracia racial é um mito. Existe realmente um racismo no Brasil, diferenciado daquele praticado na África do Sul durante o regime do apartheid, diferente também do racismo praticado nos EUA, principalmente no Sul. Porque nosso racismo é, utilizando uma palavra bem conhecida, sutil. Ele é velado. Pelo fato de ser sutil e velado isso não quer dizer que faça menos vítimas do que aquele que é aberto. Faz vítimas de qualquer maneira.

Revista Fórum – Quando você tem um sistema como o sul-africano ou um sistema de restrição de direitos como houve nos EUA, o inimigo está claro. No caso brasileiro é mais difícil combatê-lo...

Kabengele – Claro, é mais difícil. Porque você não identifica seu opressor. Nos EUA era mais fácil porque começava pelas leis. A primeira reivindicação: o fim das leis racistas. Depois, se luta para implementar políticas públicas que busquem a promoção da igualdade racial. Aqui é mais difícil, porque não tinha lei nem pra discriminar, nem pra proteger. As leis pra proteger estão na nova Constituição que diz que o racismo é um crime inafiançável. Antes disso tinha a lei Afonso Arinos, de 1951. De acordo com essa lei, a prática do racismo não era um crime, era uma contravenção. A população negra e indígena viveu muito tempo sem leis nem para discriminar nem para proteger.

Revista Fórum – Aqui no Brasil há mais dificuldade com relação ao sistema de cotas justamente por conta do mito da democracia racial?

Kabengele – Tem segmentos da população a favor e contra. Começaria pelos que estão contra as cotas, que apelam para a própria Constituição, afirmando que perante a lei somos todos iguais. Então não devemos tratar os cidadãos brasileiros diferentemente, as cotas seriam uma inconstitucionalidade. Outro argumento contrário, que já foi demolido, é a ideia de que seria difícil distinguir os negros no Brasil para se beneficiar pelas cotas por causa da mestiçagem. O Brasil é um país de mestiçagem, muitos brasileiros têm sangue europeu, além de sangue indígena e africano, então seria difícil saber quem é afro-descendente que poderia ser beneficiado pela cota. Esse argumento não resistiu. Por quê? Num país onde existe discriminação antinegro, a própria discriminação é a prova de que é possível identificar os negros. Senão não teria discriminação.

Em comparação com outros países do mundo, o Brasil é um país que tem um índice de mestiçamento muito mais alto. Mas isso não pode impedir uma política, porque basta a autodeclaração. Basta um candidato declarar sua afro-descendência. Se tiver alguma dúvida, tem que averiguar. Nos casos-limite, o indivíduo se autodeclara afro descendente. Às vezes, tem erros humanos, como o que aconteceu na UnB, de dois jovens mestiços, de mesmos pais, um entrou pelas cotas porque acharam que era mestiço, e o outro foi barrado porque acharam que era branco. Isso são erros humanos. Se tivessem certeza absoluta que era afro-descendente, não seria assim. Mas houve um recurso e ele entrou. Esses casos-limite existem, mas não é isso que vai impedir uma política pública que possa beneficiar uma grande parte da população brasileira.

Além do mais, o critério de cota no Brasil é diferente dos EUA. Nos EUA, começaram com um critério fixo e nato. Basta você nascer negro. No Brasil não. Se a gente analisar a história, com exceção da UnB, que tem suas razões, em todas as universidades brasileiras que entraram pelo critério das cotas, usaram o critério étnico-racial combinado com o critério econômico. O ponto de partida é a escola pública. Nos EUA não foi isso. Só que a imprensa não quer enxergar, todo mundo quer dizer que cota é simplesmente racial. Não é. Isso é mentira, tem que ver como funciona em todas as universidades. É necessário fazer um certo controle, senão não adianta aplicar as cotas. No entanto, se mantém a ideia de que, pelas pesquisas quantitativas, do IBGE, do Ipea, dos índices do Pnud, mostram que o abismo em matéria de

educação entre negros e brancos é muito grande. Se a gente considerar isso então tem que ter uma política de mudança. É nesse sentido que se defende uma política de cotas.

O racismo é cotidiano na sociedade brasileira. As pessoas que estão contra cotas pensam como se o racismo não tivesse existido na sociedade, não estivesse criando vítimas. Se alguém comprovar que não tem mais racismo no Brasil, não devemos mais falar em cotas para negros. Deveríamos falar só de classes sociais. Mas como o racismo ainda existe, então não há como você tratar igualmente as pessoas que são vítimas de racismo e da questão econômica em relação àquelas que não sofrem esse tipo de preconceito. A própria pesquisa do IPEA mostra que se não mudar esse quadro, os negros vão levar muitos e muitos anos para chegar aonde estão os brancos em matéria de educação. Os que são contra cotas ainda dão o argumento de que qualquer política de diferença por parte do governo no Brasil seria uma política de reconhecimento das raças e isso seria um retrocesso, que teríamos conflitos, como os que aconteciam nos EUA.

Kabengele – Isso é muito falso, porque já temos a experiência, alguns falam de mais de 70 universidades públicas, outros falam em 80. Já ouviu falar de conflitos raciais em algum lugar, linchamentos raciais? Não existe. É claro que houve manifestações numa universidade ou outra, umas pichações, “negro, volta pra senzala”. Mas isso não se caracteriza como conflito racial. Isso é uma maneira de horrorizar a população, projetar conflitos que na realidade não vão existir.

Fórum – Agora o DEM entrou com uma ação no STF pedindo anulação das cotas. O que motiva um partido como o DEM, qual a conexão entre a ideologia de um partido ou um intelectual como o Magnoli e essa oposição ao sistema de cotas? Qual é a raiz dessa resistência?

Kabengele – Tenho a impressão que as posições ideológicas não são explícitas, são implícitas. A questão das cotas é uma questão política. Tem pessoas no Brasil que ainda acreditam que não há racismo no país. E o argumento desse deputado do DEM é esse, de que não há racismo no Brasil, que a questão é simplesmente socioeconômica. É um ponto de vista refutável, porque nós temos provas de que há racismo no Brasil no cotidiano. O que essas pessoas querem? Status quo. A idéia de que o Brasil vive muito bem, não há problema com ele, que o problema é só com os pobres, que não podemos introduzir as cotas porque seria introduzir uma discriminação contra os brancos e pobres. Mas eles ignoram que os brancos e pobres também são beneficiados pelas cotas, e eles negam esse argumento automaticamente, deixam isso de lado.

Fórum – Mas isso não é um cinismo de parte desses atores políticos, já que eles são contra o sistema de cotas, mas também são contra o Bolsa-Família ou qualquer tipo de política compensatória no campo socioeconômico?

Kabengele – É interessante, porque um país que tem problemas sociais do tamanho do Brasil deveria buscar caminhos de mudança, de transformação da sociedade. Cada vez que se toca nas políticas concretas de mudança, vem um discurso. Mas você não resolve os problemas sociais somente com a retórica. Quanto tempo se fala da qualidade da escola pública? Estou aqui no Brasil há 34 anos. Desde que cheguei

aqui, a escola pública mudou em algum lugar? Não, mas o discurso continua. “Ah, é só mudar a escola pública.” Os mesmos que dizem isso colocam os seus filhos na escola particular e sabem que a escola pública é ruim. Poderiam eles, como autoridades, dar melhor exemplo e colocar os filhos deles em escola pública e lutar pelas leis, bom salário para os educadores, laboratórios, segurança. Mas a coisa só fica no nível da retórica.

E tem esse argumento legalista, “porque a cota é uma inconstitucionalidade, porque não há racismo no Brasil”. Há juristas que dizem que a igualdade da qual fala a Constituição é uma igualdade formal, mas tem a igualdade material. É essa igualdade material que é visada pelas políticas de ação afirmativa. Não basta dizer que somos todos iguais. Isso é importante, mas você tem que dar os meios e isso se faz com as políticas públicas. Muitos disseram que as cotas nas universidades iriam atingir a excelência universitária. Está comprovado que os alunos cotistas tiveram um rendimento igual ou superior aos outros. Então a excelência não foi prejudicada. Aliás, é curioso falar de mérito como se nosso vestibular fosse exemplo de democracia e de mérito. Mérito significa simplesmente que você coloca como ponto de partida as pessoas no mesmo nível.

Quando as pessoas não são iguais, não se pode colocar no ponto de partida para concorrer igualmente. É como você pegar uma pessoa com um fusquinha e outro com um Mercedes, colocar na mesma linha de partida e ver qual o carro mais veloz. O aluno que vem da escola pública, da periferia, de péssima qualidade, e o aluno que vem de escola particular de boa qualidade, partindo do mesmo ponto, é claro que os que vêm de uma boa escola vão ter uma nota superior. Se um aluno que vem de um Pueri Domus, Liceu Pasteur, tira nota 8, esse que vem da periferia e tirou nota 5 teve uma caminhada muito longa. Essa nota 5 pode ser mais significativa do que a nota 7 ou 8. Dando oportunidade ao aluno, ele não vai decepcionar.

Foi isso que aconteceu, deram oportunidade. As cotas são aplicadas desde 2003. Nestes sete anos, quantos jovens beneficiados pelas cotas terminaram o curso universitário e quantos anos o Brasil levaria para formar o tanto de negros sem cotas? Talvez 20 ou mais. Isso são coisas concretas para as quais as pessoas fecham os olhos. No artigo do professor Demétrio Magnoli, ele me critica, mas não leu nada. Nem uma linha de meus livros. Simplesmente pegou o livro da Eneida de Almeida dos Santos, Mulato, negro não-negro e branco não-branco que pediu para eu fazer uma introdução, e desta introdução de três páginas ele tirou algumas frases e, a partir dessas frases, me acusa de ser um charlatão acadêmico, de professar o racismo científico abandonado há mais de um século e fazer parte de um projeto de racialização oficial do Brasil. Nunca leu nada do que eu escrevi.

A autora do livro é mestiça, psiquiatra e estuda a dificuldade que os mestiços entre branco e negro têm pra construir a sua identidade. Fiz a introdução mostrando que eles têm essa dificuldade justamente por causa de serem negros não-negros e brancos não-brancos. Isso prejudica o processo, mas no plano político, jurídico, eles não podem ficar ambivalentes. Eles têm que optar por uma identidade, têm que aceitar sua negritude, e não rejeitá-la. Com isso ele acha que eu estou professando a supressão dos mestiços no Brasil e que isso faz parte do projeto de racialização do brasileiro. Não tinha nada para me acusar, soube que estou defendendo as cotas, tirou três frases e fez a acusação dele no jornal.

Fórum – O senhor toca na questão do imaginário da democracia racial, mas as pessoas são formadas para aceitarem esse mito...

Kabengele – O racismo é uma ideologia. A ideologia só pode ser reproduzida se as próprias vítimas aceitam, a introjetam, naturalizam essa ideologia. Além das próprias vítimas, outros cidadãos também, que discriminam e acham que são superiores aos outros, que têm direito de ocupar os melhores lugares na sociedade. Se não reunir essas duas condições, o racismo não pode ser reproduzido como ideologia, mas toda educação que nós recebemos é para poder reproduzi-la.

Há negros que introduziram isso, que alienaram sua humanidade, que acham que são mesmo inferiores e o branco tem todo o direito de ocupar os postos de comando. Como também tem os brancos que introjetaram isso e acham mesmo que são superiores por natureza. Mas para você lutar contra essa idéia não bastam as leis, que são repressivas, só vão punir. Tem que educar também. A educação é um instrumento muito importante de mudança de mentalidade e o brasileiro foi educado para não assumir seus preconceitos. O Florestan Fernandes dizia que um dos problemas dos brasileiros é o “preconceito de ter preconceito de ter preconceito”. O brasileiro nunca vai aceitar que é preconceituoso. Foi educado para não aceitar isso. Como se diz, na casa de enforcado não se fala de corda.

Quando você está diante do negro, dizem que tem que dizer que é moreno, porque se disser que é negro, ele vai se sentir ofendido. O que não quer dizer que ele não deve ser chamado de negro. Ele tem nome, tem identidade, mas quando se fala dele, pode dizer que é negro, não precisa branqueá-lo, torná-lo moreno. O brasileiro foi educado para se comportar assim, para não falar de corda na casa de enforcado. Quando você pega um brasileiro em flagrante de prática racista, ele não aceita, porque não foi educado para isso. Se fosse um americano, ele vai dizer: “Não vou alugar minha casa para um negro”. No Brasil, vai dizer: “Olha, amigo, você chegou tarde, acabei de alugar”. Porque a educação que o americano recebeu é pra assumir suas práticas racistas, pra ser uma coisa explícita.

Quando a Folha de S. Paulo fez aquela pesquisa de opinião em 1995, perguntaram para muitos brasileiros se existe racismo no Brasil. Mais de 80% disseram que sim. Perguntaram para as mesmas pessoas: “você já discriminou alguém?”. A maioria disse que não. Significa que há racismo, mas sem racistas. Ele está no ar... Como você vai combater isso? Muitas vezes o brasileiro chega a dizer ao negro que reage: “você que é complexado, o problema está na sua cabeça”. Ele rejeita a culpa e coloca na própria vítima. Já ouviu falar de crime perfeito? Nosso racismo é um crime perfeito, porque a própria vítima é que é responsável pelo seu racismo, quem comentou não tem nenhum problema.

Revista Fórum – O humorista Danilo Gentilli escreveu no Twitter uma piada a respeito do King Kong, comparando com um jogador de futebol que saía com loiras. Houve uma reação grande e a continuação dos argumentos dele para se justificar vai ao encontro disso que o senhor está falando. Ele dizia que racista era quem acusava ele, e citava a questão do orgulho negro como algo de quem é racista.

Kabengele – Faz parte desse imaginário. O que está por trás dessa ilustração de King Kong, que ele compara a um jogador de futebol que vai casar com uma loira, é a idéia

de alguém que ascende na vida e vai procurar sua loira. Mas qual é o problema desse jogador de futebol?

São pessoas vítimas do racismo que acham que agora ascenderam na vida e, para mostrar isso, têm que ter uma loira que era proibida quando eram pobres? Pode até ser uma explicação. Mas essa loira não é uma pessoa humana que pode dizer não ou sim e foi obrigada a ir com o King Kong por causa de dinheiro? Pode ser, quantos casamentos não são por dinheiro na nossa sociedade? A velha burguesia só se casa dentro da velha burguesia. Mas sempre tem pessoas que desobedecem as normas da sociedade.

Essas jovens brancas, loiras, também pulam a cerca de suas identidades pra casar com um negro jogador. Por que a corda só arrebenta do lado do jogador de futebol? No fundo, essas pessoas não querem que os negros casem com suas filhas. É uma forma de racismo. Estão praticando um preconceito que não respeita a vontade dessas mulheres nem essas pessoas que ascenderam na vida, numa sociedade onde o amor é algo sem fronteiras, e não teria tantos mestiços nessa sociedade. Com tudo o que aconteceu no campo de futebol com aquele jogador da Argentina que chamou o Grafite de macaco, com tudo o que acontece na Europa, esse humorista faz uma ilustração disso, ou é uma provocação ou quer reafirmar os preconceitos na nossa sociedade.

Fórum – É que no caso, o Danilo Gentili ainda justificou sua piada com um argumento muito simplório: “por que eu posso chamar um gordo de baleia e um negro de macaco”, como se fosse a mesma coisa.

Kabengele – É interessante isso, porque tenho a impressão de que é um cara que não conhece a história e o orgulho negro tem uma história. São seres humanos que, pelo próprio processo de colonização, de escravidão, a essas pessoas foi negada sua humanidade. Para poder se recuperar, ele tem que assumir seu corpo como negro. Se olhar no espelho e se achar bonito ou se achar feio. É isso o orgulho negro. E faz parte do processo de se assumir como negro, assumir seu corpo que foi recusado. Se o humorista conhecesse isso, entenderia a história do orgulho negro. O branco não tem motivo para ter orgulho branco porque ele é vitorioso, está lá em cima. O outro que está lá em baixo que deve ter orgulho, que deve construir esse orgulho para poder se reerguer.

Fórum – O senhor tocou no caso do Grafite com o Desábato, e recentemente tivemos, no jogo da Libertadores entre Cruzeiro e Grêmio, o caso de um jogador que teria sido chamado de macaco por outro atleta. Em geral, as pessoas – jornalistas que comentaram, a diretoria gremista – argumentavam que no campo de futebol você pode falar qualquer coisa, e que se as pessoas fossem se importar com isso, não teria como ter jogo de futebol. Como você vê esse tipo de situação?

Kabengele – Isso é uma prova daquilo que falei, os brasileiros são educados para não assumir seus hábitos, seu racismo. Em outros países, não teria essa conversa de que no campo de futebol vale. O pessoal pune mesmo.

Mas aqui, quando se trata do negro... Já ouviu caso contrário, de negro que chama branco de macaco? Quando aquele delegado prendeu o jogador argentino no caso do Grafite, todo mundo caiu em cima. Os técnicos, jornalistas, esportistas, todo mundo dizendo que é assim no futebol. Então a gente não pode educar o jogador de futebol, tudo é permitido? Quando há violência física, eles são punidos, mas isso aqui é uma violência também, uma violência simbólica. Por que a violência simbólica é aceita a violência física é punida?

Fórum – Como o senhor vê hoje a aplicação da lei que determina a obrigatoriedade do ensino de cultura africana nas escolas? Os professores, de um modo geral, estão preparados para lidar com a questão racial?

Kabengele – Essa lei já foi objeto de crítica das pessoas que acham que isso também seria uma racialização do Brasil. Pessoas que acham que, sendo a população brasileira uma população mestiça, não é preciso ensinar a cultura do negro, ensinar a história do negro ou da África. Temos uma única história, uma única cultura, que é uma cultura mestiça. Tem pessoas que vão nessa direção, pensam que isso é uma racialização da educação no Brasil.

Mas essa questão do ensino da diversidade na escola não é propriedade do Brasil. Todos os países do mundo lidam com a questão da diversidade, do ensino da diversidade na escola, até os que não foram colonizadores, os nórdicos, com a vinda dos imigrantes, estão tratando da questão da diversidade na escola.

O Brasil deveria tratar dessa questão com mais força, porque é um país que nasceu do encontro das culturas, das civilizações. Os europeus chegaram, a população indígena – dona da terra – os africanos, depois a última onda imigratória é dos asiáticos. Então tudo isso faz parte das raízes formadoras do Brasil que devem fazer parte da formação do cidadão. Ora, se a gente olhar nosso sistema educativo, percebemos que a história do negro, da África, das populações indígenas não fazia parte da educação do brasileiro.

Nosso modelo de educação é eurocêntrico. Do ponto de vista da historiografia oficial, os portugueses chegaram na África, encontraram os africanos vendendo seus filhos, compraram e levaram para o Brasil. Não foi isso que aconteceu. A história da escravidão é uma história da violência. Quando se fala de contribuições, nunca se fala da África. Se introduzir a história do outro de uma maneira positiva, isso ajuda.

É por isso que a educação, a introdução da história dele no Brasil, faz parte desse processo de construção do orgulho negro. Ele tem que saber que foi trazido e aqui contribuiu com o seu trabalho, trabalho escravizado, para construir as bases da economia colonial brasileira.

Além do mais, houve a resistência, o negro não era um João-Boobo que simplesmente aceitou, senão a gente não teria rebeliões das senzalas, o Quilombo dos Palmares, que durou quase um século. São provas de resistência e de defesa da dignidade humana. São essas coisas que devem ser ensinadas. Isso faz parte do patrimônio histórico de todos os brasileiros. O branco e o negro têm que conhecer essa história porque é aí que vão poder respeitar os outros.

Voltando a sua pergunta, as dificuldades são de duas ordens. Em primeiro lugar, os educadores não têm formação para ensinar a diversidade. Estudaram em escolas de educação eurocêntrica, onde não se ensinava a história do negro, não estudaram história da África, como vão passar isso aos alunos? Além do mais, a África é um continente, com centenas de culturas e civilizações. São 54 países oficialmente. A primeira coisa é formar os educadores, orientar por onde começou a cultura negra no Brasil, por onde começa essa história. Depois dessa formação, com certo conteúdo, material didático de boa qualidade, que nada tem a ver com a historiografia oficial, o processo pode funcionar.

Fórum – Outra questão que se discute é sobre o negro nos espaços de poder. Não se veem negros como prefeitos, governadores. Como trabalhar contra isso?

Kabengele – O que é um país democrático? Um país democrático, no meu ponto de vista, é um país que reflete a sua diversidade na estrutura de poder. Nela, você vê mulheres ocupando cargos de responsabilidade, no Executivo, no Legislativo, no Judiciário, assim como no setor privado. E ainda os índios, que são os grandes discriminados pela sociedade. Isso seria um país democrático. O fato de você olhar a estrutura de poder e ver poucos negros ou quase não ver negros, não ver mulheres, não ver índios, isso significa que há alguma coisa que não foi feita nesse país. Como construção da democracia, a representatividade da diversidade não existe na estrutura de poder. Por quê?

Se você fizer um levantamento no campo jurídico, quantos desembargadores e juízes negros têm na sociedade brasileira? Se você for pras universidades públicas, quantos professores negros tem, começando por minha própria universidade? Esta universidade tem cerca de 5 mil professores. Quantos professores negros tem na USP? Nessa grande faculdade, que é a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), uma das maiores da USP junto com a Politécnica, tenho certeza de que na minha faculdade fui o primeiro negro a entrar como professor. Desde que entrei no Departamento de Antropologia, não entrou outro. Daqui três anos vou me aposentar. O professor Milton Santos, que era um grande professor, quase Nobel da Geografia, entrou no departamento, veio do exterior e eu já estava aqui. Em toda a USP, não sou capaz de passar de dez pessoas conhecidas.

Pode ter mais, mas não chega a 50, exagerando. Se você for para as grandes universidades americanas, Harvard, Princeton, Standford, você vai encontrar mais negros professores do que no Brasil. Lá eles são mais racistas, ou eram mais racistas, mas como explicar tudo isso?

120 anos de abolição. Por que não houve certa mobilidade social para os negros chegarem lá? Há duas explicações: ou você diz que ele é geneticamente menos inteligente, o que seria uma explicação racista, ou encontra explicação na sociedade. Quer dizer que se bloqueou a sua mobilidade. E isso passa por questão de preconceito, de discriminação racial. Não há como explicar isso. Se você entender que os imigrantes japoneses chegaram, nós comemoramos 100 anos recentemente da sua vinda, eles tiveram certa mobilidade. Os coreanos também ocupam um lugar na sociedade. Mas os negros já estão a 120 anos da abolição. Então tem uma explicação. Daí a necessidade de se mudar o quadro. Ou nós mantemos o quadro, porque se não mudamos estamos racializando o Brasil, ou a gente mantém a situação

para mostrar que não somos racistas. Porque a explicação é essa, se mexer, somos racistas e estamos racializando. Então vamos deixar as coisas do jeito que estão. Esse é o dilema da sociedade.

Revista Fórum – como o senhor vê o tratamento dado pela mídia à questão racial?

Kabengele – A imprensa faz parte da sociedade. Acho que esse discurso do mito da democracia racial é um discurso também que é absorvido por alguns membros da imprensa. Acho que há uma certa tendência na imprensa pelo fato de ser contra as políticas de ação afirmativa, sendo que também não são muito favoráveis a essa questão da obrigatoriedade do ensino da história do negro na escola.

Houve, no mês passado, a II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Silêncio completo da imprensa brasileira. Não houve matérias sobre isso. Os grandes jornais da imprensa escrita não pautaram isso. O silêncio faz parte do dispositivo do racismo brasileiro. Como disse Elie Wiesel, o carrasco mata sempre duas vezes. A segunda mata pelo silêncio. O silêncio é uma maneira de você matar a consciência de um povo. Porque se falar sobre isso abertamente, as pessoas vão buscar saber, se conscientizar, mas se ficar no silêncio a coisa morre por aí. Então acho que o silêncio da imprensa, no meu ponto de vista, passa por essa estratégia, é o não-dito.

Acabei de passar por uma experiência interessante. Saí da Conferência Nacional e fui para Barcelona, convidado por um grupo de brasileiros que pratica capoeira. Claro, receberam recursos do Ministério das Relações Exteriores, que pagou minha passagem e a estadia. Era uma reunião pequena de capoeiristas e fiz uma conferência sobre a cultura negra no Brasil. Saiu no El País, que é o jornal mais importante da Espanha, noticiou isso, uma coisa pequena. Uma conferência nacional deste tamanho aqui não se fala. É um contrassenso.

O silêncio da imprensa não é um silêncio neutro, é um silêncio que indica certa orientação da questão racial. Tem que não dizer muita coisa e ficar calado. Amanhã não se fala mais, acabou.

Fonte: <http://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>.

Link para pesquisa:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100012s
Entrevista de Waldir Freitas Oliveira - As pesquisas na Bahia sobre os afro-brasileiros.

2.1.3-As pesquisas na Bahia sobre os Afro-Brasileiros

“O perigo de ser negro.”

“Preconceito mata – e muito – no Brasil. A discriminação por cor, gênero e orientação sexual ainda é um problema endêmico do país, com dados que proporcionam um panorama triste.

A possibilidade de um adolescente negro ser vítima de homicídio é 3,7 vezes maior do que um branco, segundo uma pesquisa divulgada em 2013 pelo Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). “Pelo levantamento, a expectativa de vida de um homem brasileiro negro é menos que a metade a de um branco.”



http://www.brasilpost.com.br/2014/02/28/estados-gay-mulher-negro_n_4876455.html
http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20607
noticias.r7.com/educacao/noticias/diferenca-de-escolaridade-entre-negros-e-brancos-diminui-mas-continua-alta-no-pais-20121219.html

Dados do relatório **Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014** mostram que a população negra entre 12 anos e 29 anos é a principal vítima da violência.

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/jovens-negros-sao-mais-vulneraveis-violencia-no-brasil-mostra-relatorio> veja no site ;

<http://brasildebate.com.br/a-violencia-contra-negros-no-brasil/>

http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&

SAIBA MAIS: Entrevista de Waldir Freitas Oliveira (veja site):

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100012

3. SUGESTÕES DE FILMES e LINKS DE DOCUMENTÁRIOS SOBRE HISTÓRIA DA ÁFRICA

Uma Boa Mentira



www.adorocinema.com

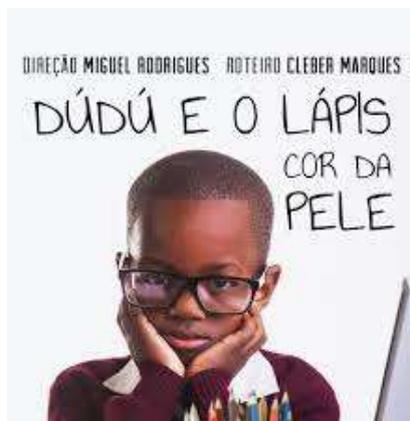
Sinopse: Três homens sudaneses, Mamere (Arnold Oceng), Jeremiah (Ger Duany) e Paul (musician Emmanuel Jal), têm a oportunidade de sair do país e conseguir uma vida melhor nos Estados Unidos. Eles são acolhidos por uma assistente social, Carrie Davis (Reese Witherspoon), que pouco conhece sobre o duro passado de cada um. Ela é uma mulher solteira, bem resolvida e muito prática, o que parece estranhíssimo para eles. Aos poucos, tornam-se amigos e descobrem uma nova visão de mundo. Entre 1983 e 2005, durante os terríveis anos da Guerra Civil que assolou o Sudão, estima-se que mais de dois milhões de pessoas tenham perdido a vida. Em busca de abrigo, um sem-número de famílias deixou as suas casas e seguiu em direção a campos de refugiados. Devido à situação caótica em que viviam, perto de 27 mil crianças foram separadas dos pais, fazendo o trajeto sozinhas. Eram estes os "lost boys/girls", crianças de todas as idades que, fugindo aos perigos e, muitas vezes, acompanhadas pelos irmãos, percorriam milhares de quilômetros para alcançar os campos. Alguns anos mais tarde, um esforço humanitário levou para os EUA algumas destas crianças.

Fonte: http://cinecartaz.publico.pt/Filme/338964_a-boa-mentira

Nacionalidade Estados Unidos, Quênia, Índia

Classificação: M/12 Ano -2015

DUDÚ E O LÁPIS COR DA PELE



<http://www.takeatakefilms.com>

Sinopse: Dudu é um garoto negro, inteligente e imaginativo, estudante de um colégio particular da classe média de São Paulo. Durante uma aula de educação artística, sua professora, Sônia, diz a ele que utilize o que ela chama de “lápiz cor da pele” para pintar um desenho. A frase desperta em Dudu uma crise de identidade. Com toda a inocência de uma criança da sua idade, Dudu passa a carregar o lápis em questão consigo para encontrar alguém que possa sanar seus questionamentos.

Fonte: <http://www.takeatakefilms.com/portfolio-view/dudu-e-o-lapis-cor-da-pele/>

Reflexão: É muito comum ouvirmos das crianças (e dos adultos) a expressão LÁPIS COR DE PELE ao referir-se a cor salmão. Este lápis também recebe o nome de NUDE, que significa: nudez. Porém novamente pergunto: Nudez de quem?

Afirmações como estas demonstram o quanto tomamos a branquitude como o padrão, o natural. Afirmar que este lápis é o "cor de pele" é afirmar que este é o padrão de normalidade da cor da pele, e todos os que não se enquadram neste padrão são considerados "anormais".

Pergunta-se: todas as peles claras possuem a cor do lápis salmão? Mesmo entre os brancos há diferentes tons de pele.

Sendo assim, é necessário questionar com as crianças a afirmação tão naturalizada na escola de que o lápis cor de pele é o salmão.

"Naturalmente" as crianças aprendem a chamá-lo assim, porém o problema está em não questionarmos essa afirmação.

Lápis vermelho é chamado de lápis cor de maçã? Amarelo recebe o nome de cor do sol? E o verde, chamamos de cor de folhas? Porque o salmão é o cor de pele? Quantos tons de pele têm em sua casa? E em sua sala de aula? Em uma roda de amigos? São todos iguais?

No Brasil, tomando a branquitude como natural, ainda não encontramos lápis com diferentes cores de tons de peles para vender. Porém, em muitos países isso já acontece naturalmente.

Fonte: <http://diaadiadaeducacao.blogspot.com.br/2015/10/lapis-cor-de-pele-cor-da-pele-de-quem.html>

12 ANOS DE ESCRAVIDÃO



Fonte: <http://eglu.pontofrio.com.br/dvds-e-blu-ray/oscar-os-melhores-filmes-da-decada/>

12 ANOS DE ESCRAVIDÃO é baseado na extraordinária e chocante história verídica da luta de um homem pela sobrevivência e liberdade. Na pré-Guerra Civil dos Estados Unidos, Solomon Northup (Chiwetel Ejiofor), um homem negro livre de Nova Iorque, é raptado e vendido como escravo. Enfrentando a crueldade (personificada por um malévolo dono de escravos, interpretado por Michael Fassbender) mas também momentos de inesperada bondade, Solomon luta não só para se manter vivo, mas para preservar a sua dignidade. Após 12 anos de uma odisseia inesquecível, Solomon conhece um abolicionista do Canadá (Brad Pitt) que vai mudar para sempre a sua vida. O filme retrata o cruel racismo e o passado de escravidão nos Estados Unidos

Fonte: <http://www.fnac.pt/12-Anos-Escravo-Blu-ray/a755387>

LÁGRIMAS DO SOL



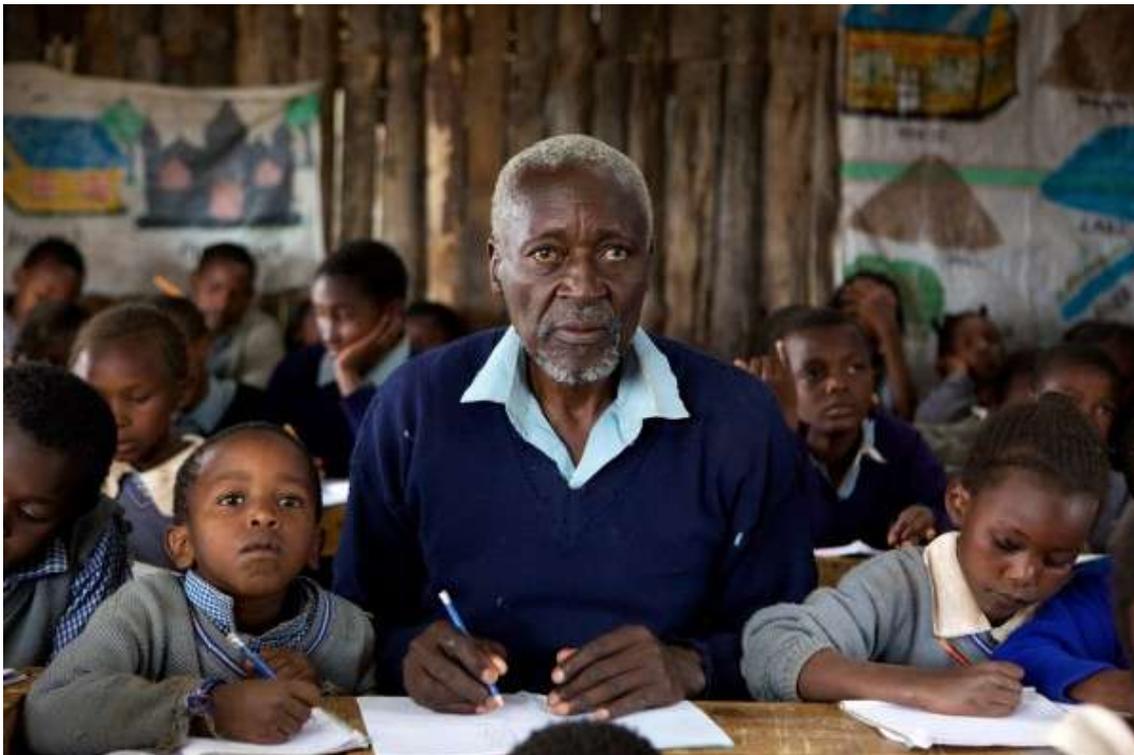
Lágrimas do Sol - Instabilidade política na África não é novidade. Agora é a vez da Nigéria, onde um ditador militar tomou o poder e está massacrando as pessoas. Em um acampamento católico vivem a doutora Lena Kendricks (Monica Bellucci), do grupo Médicos Sem Fronteiras, além de um padre e duas freiras, que atendem a população local. Kendricks é cidadã dos Estados Unidos, por isso uma equipe de soldados comandada pelo tenente Waters (Bruce Willis) é enviada às florestas nigerianas para resgatá-la.

Mas a médica não quer saber de fugir e deixar os nativos à mercê dos militares, que estão prestes a chegar. Se as milícias chegarem ao acampamento e encontrarem alguém, serão implacáveis. As ordens de Waters são para levar apenas a médica; levar os refugiados para a fronteira do país pode significar um duplo risco para o tenente e seu grupo: morrer na selva em confronto com os guerrilheiros, ou enfrentar a corte marcial por desobedecer ordens.

País de origem: EUA
Ano de produção: 2003
Classificação: 14 anos

Fonte: <http://www.guiadasemana.com.br/cinema/sinopse/lagrimas-do-sol>

O ALUNO



Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-aluno-filme-conta-a-historia-de-queniano-que-se-matriculou-em-e>

O filme "O Aluno" é baseado na história real de Kimani Maruge Ng'ang'a, que, com o sonho de aprender a ler e escrever, lutou para entrar e permanecer na escola acostumada a receber crianças de aproximadamente 6 anos. A história do idoso sendo alfabetizado ao lado de crianças ganhou repercussão nacional e provocou a revolta de moradores da região.

Falecido em 2009, Maruge foi a pessoa mais velha a se matricular em uma escola primária, de acordo com o Guinness Book. Devido ao seu empenho e conquistas, Maruge foi convidado para fazer um discurso na sede da ONU, em Nova York, sobre o poder da educação.

Nacionalidade Reino unido

2014

Classificação: 14 anos

Fonte: <http://www.pordentrodaafrica.com/wp-content/uploads/kalins-pdf/singles/o-aluno-filme-conta-a-historia-de-queniano-que-se-matricula>

PRETO E BRANCO



Fonte: <http://cinectaz.publico.pt/Filme/preto-ou-branco-346300>

Preto e Branco - Ao mesmo tempo em que se esforça para superar a recente perda da mulher, Elliot Anderson tenta dar o melhor de si a Eloise, a neta que vive aos seus cuidados desde a trágica morte da sua filha. Apesar das dificuldades inerentes à sua condição de viúvo e avô, a criança tornou-se a sua única razão de viver e o que o motiva a continuar. Quando We-we, a avó paterna da criança, o informa das intenções de obter a custódia partilhada, Elliot recusa-se terminantemente a aceitar. De um momento para o outro, a pequena Eloise é forçada a dividir-se entre as duas famílias que lutam pela sua atenção e pelo que consideram ser o melhor. Quando a rivalidade entre os dois sexagenários chega à barra do tribunal, eles vêem-se confrontados com algumas das suas crenças e preconceitos mais enraizados.

Classificação: M/12

Outros dados: EUA, 2014

Fonte: <http://cinectaz.publico.pt/Filme/preto-ou-branco-346300>

LÁGRIMA DA ESPERANÇA



<https://www.google.com.br/search?q=filme+lágrima+da+esperança&biw=1034&bih=871&tbm=isch&source=lnms&sa=X&ved=0a>

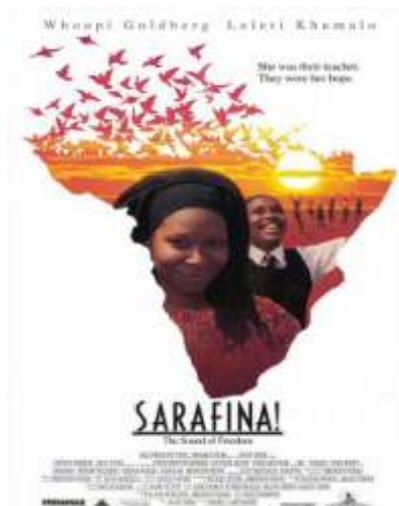
Em 1933, os Morgans, uma amável e unida família de negros arrendatários que vivem na Louisiana, enfrentam uma crise familiar: o patriarca, Nathan Lee Morgan (Paul Winfield), é condenado por um crime insignificante e vai preso. Depois de um certo tempo, sua esposa envia o filho mais velho, com 11 anos, para visitá-lo. A viagem é como uma odisséia para o garoto, que passa algum tempo com um dedicado professor negro. Indicado á 4 Oscar's 1973(melhor filme, roteiro, atriz e ator.

1972

Estados Unidos

Fonte:
<https://www.google.com.br/search?q=filme+lágrima+da+esperança&biw=1034&bih=871&tbm=isch&source=lnms&sa=X&ved=0a>

SARAFINA!

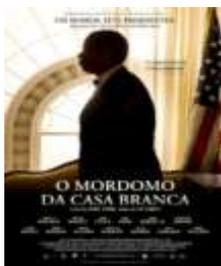


Fonte: <http://descobertasartisticas.blogspot.com.br/2012/09/download-de-filme-sarafina-o-som-da.html>

Em pleno Apartheid, numa escola de Soweto, em que o exército faz a patrulha com armas em punho e as crianças gritam "Libertem Mandela", uma professora ensina história de uma forma censurável, fugindo ao currículo aprovado pelo regime. Neste contexto, Sarafina é uma adolescente negra, que relata a história sob a forma de uma carta dirigida a Nelson Mandela e que, como tantos outros adolescentes, sente-se revoltada diante das injustiças do sistema.

Nacionalidades: África do sul, Eua, Reino unido, França
1992

O Mordomo da Casa Branca



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-188951/>

Durante três décadas, Eugene Allen foi o mordomo oficial da Casa Branca, tendo servido oito presidentes norte-americanos diferentes. Esta é a história dele, e de sua visão do poder nos Estados Unidos.

Classificação: 14 anos
2013

Nacionalidade: Estados Unidos

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-188951/>

HISTÓRIAS CRUZADAS



Fonte: <http://www.historiascruzadas.com.br/>

Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, anos 60. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na

51

criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagradou a sociedade como um todo.

Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

Nacionalidades EUA, Índia, Emirados árabes unidos
2012

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-176673/>

MANDERLAY



Pesquise mais: <http://psicoedu10.blogspot.com.br/p/videos.html>

Manderley - Após deixarem para trás a cidade de Dogville, Grace (Bryce Dallas Howard) e o pai (Willem Dafoe) acabam por acaso nos portões da fazenda de Manderlay, no sul dos Estados Unidos. Lá Grace descobre uma estrutura escravagista em pleno funcionamento, apesar de estarmos em 1933, quando já fora abolida a escravidão. Ela se envolve então nas relações entre os empregados negros e seus patrões, apenas para descobrir que os laços que regem estas relações são bem mais complexos do que ela pensava.

Nacionalidades França, Reino unido, Itália, Suécia, Alemanha, Holanda, Dinamarca

Ano: 2005

Classificação: 16 anos

Fonte: <https://www.cineclick.com.br/manderlay>

4. CONHECENDO O MUSEU AFRO BRASIL

PASSEIO PELO MUSEU AFRO

Museu Afro Brasil



<http://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/arte/estabelecimento/pavilhao-da-oca>

Fernanda Heberle apresenta um relato sobre as exposições dedicadas ao tema da religiosidade e que integram o acervo do Museu Afro Brasil, localizado no Parque do Ibirapuera em São Paulo.

O Museu Afro Brasil é, atualmente, a maior instituição museal do país dedicada a divulgar e preservar aquilo que poderíamos chamar de “herança cultural negra” na formação da sociedade brasileira. Inaugurado em 2004, ocupa um dos pavilhões do conjunto arquitetônico do Parque do Ibirapuera, em São Paulo, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer na década de 1950. Com um acervo composto por mais de cinco mil obras, distribuídas por um espaço de onze mil metros quadrados, o Museu é fruto de um longo processo de gestação e negociações levado a cabo por seu maior idealizador e atual curador, o artista plástico de origem baiana, Emanuel Araújo.

O modo pelo qual a religião é acionada para construir uma narrativa da formação identitária da sociedade brasileira, e a possibilidade de observação de formas de convivência entre religião e modernidade produzidas pelas grandes instituições culturais, são alguns dos motivos que estimularam essa aproximação,

53

ainda incipiente, em direção à instituição museal. Este relato, baseado em três visitas realizadas ao Museu Afro Brasil em agosto de 2012, procura registrar algumas impressões acerca de seu acervo, atentando especialmente para o modo como são organizadas e apresentadas as exposições dedicadas ao tema da religiosidade.

"- Onde eles conseguiram tanta coisa?".

Essa foi uma das questões dirigidas por um grupo de crianças ao educador que guiava a visita de uma Tenda de Umbanda ao Museu Afro Brasil na manhã de domingo do dia 5 de agosto de 2012. O grupo, formado por sete adultos, na sua maioria mulheres, e cinco crianças, visitava a instituição pela primeira vez.

A pergunta das crianças refletia, em alguma medida, a surpresa gerada pela infinidade de objetos e pelo labirinto de divisórias e painéis que compõem a paisagem do terceiro pavimento do Museu, onde se encontra a exposição de seu acervo permanente. As mais de 5 mil obras estão divididas em seis núcleos, identificados pelas cores diferenciadas dos espaços expositivos. Diversidade cultural africana, religião, trabalho, escravidão e arte afro-brasileira são algumas das temáticas a orientar as exposições.



<http://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/arte/estabelecimento/pavilhao-da-oca>

O primeiro espaço expositivo com que o visitante se depara ao alcançar o terceiro pavimento pela rampa de acesso principal é aquele em que se interpenetram obras e objetos dos núcleos denominados “África: diversidade e permanência” e “As religiões Afro-Brasileiras”. Nele, esculturas e instalações do artista plástico brasileiro Antônio Miranda representando “quartos de santo” e assentamentos de orixás – elementos próprios do universo das religiões de matriz africana – dividem espaço com

uma diversidade de peças e esculturas oriundas de diferentes países da costa ocidental da África, como Nigéria, Congo, Gana, Benim e Moçambique. Entre essas peças encontram-se, por exemplo, estatuetas de *ibejis*, de origem lorubá, e máscaras de uso ritual de diferentes povos e etnias africanas. Ainda nessa seção, ganham destaque – seja pelas dimensões, seja por estarem dispostas no centro do espaço expositivo – as representações em tamanho humano de onze orixás ostentando roupas,

ornamentos e instrumentos característicos de divindades do panteão religioso africano. Assim, a primeira seção expositiva com que se depara o visitante do acervo do Museu procura estabelecer uma ligação entre o universo cosmológico africano – representado, sobretudo, por objetos de uso ritual, como máscaras e estatuetas, acompanhados por legendas explicativas – e elementos do universo afro-religioso.



<http://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/arte/estabelecimento/pavilhao-da-oca>

Não por acaso, esta seção é um dos poucos pontos de passagem obrigatórios do Museu. De fato, não é possível acessar os demais núcleos e seções expositivas sem passar e ter o olhar atraído pelos objetos expostos neste espaço. Conforme explicou-me um dos educadores da instituição, trata-se de uma estratégia da própria curadoria, que procura promover, com essa associação, um entendimento da complexidade e diversidade do pensamento social africano e, conseqüentemente, dos valores e visões de mundo que orientam as práticas dos religiosos de matriz africana. Ainda segundo o educador, não é sem algum constrangimento e relutância que professores e dirigentes de algumas escolas confessionais cristãs, em visita ao

Museu, percebem a impossibilidade de desviar o olhar e o trajeto de tal espaço expositivo.



<http://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/arte/estabelecimento/pavilhao-da-oca>

O núcleo dedicado às religiões afro-brasileiras não se encerra, contudo, nessa primeira seção. Em continuidade com ela, ocupando a região central do pavilhão, outras seções fazem referência aos modos como essa “tradição ancestral africana” é “recriada” e “preservada” no Brasil, sobretudo nos terreiros de Candomblé da Bahia. Aí, figuram objetos trazidos diretamente de tradicionais terreiros baianos ou produzidos por artistas pertencentes a suas comunidades religiosas. Esse é o caso, por exemplo, das “ferramentas de orixá”, produzidas pelo artesão José Adário, especializado na fundição de objetos de metal que compõem os altares e as cerimônias religiosas de vários terreiros baianos ou ainda das “bonecas sagradas” confeccionadas por Mãe Detinha de Xangô e Bezita de Oxum, ambas integrantes da comunidade religiosa do *Ilê Axé Opô Afonjá*.

Também aí se fazem presentes obras de artistas internacionalmente conhecidos por retratarem o universo simbólico do Candomblé baiano, como Carybé, por meio de suas aquarelas que registram a iconografia dos “deuses africanos na Bahia”, e Pierre Verger com suas fotografias das “cenas de rua” do Candomblé e da vida dos negros baianos.

Painéis fotográficos em tamanho ampliado chamam a atenção, em especial, para duas salas do acervo. Uma delas, arranjada junto ao núcleo dedicado às religiões afro-brasileiras, é uma homenagem a Dona Olga de Alaketu, reconhecida *iyalorixá* baiana falecida em 2005. O espaço exhibe, além da roupa de *Iansã* de Dona Olga, fotografias da mãe-de-santo com “porte de rainha”, como a define Emanuel Araújo no texto que acompanha a exposição e no qual o curador narra lembranças de sua mãe-

de-santo e do dia em que foi apresentado ao universo do Candomblé no terreiro do Alaketo, em Salvador.

A outra sala que chama a atenção pelo mesmo tipo de visualidade é aquela dedicada à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, irmandade de mulheres negras da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, fundada em meados do século

XVIII. Situada no núcleo expositivo denominado “Sagrado e Profano”, a seção exibe além das fotografias, os trajes e balangandãs que compõem o vestuário característico das mulheres da Irmandade – reconhecida por muitos como “afro-católica” pela sincretismo observado em seus rituais e festividades entre elementos do universo simbólico do catolicismo e do candomblé. A sala pode ser



considerada uma síntese daquele que é o argumento que atravessa todo o núcleo expositivo “Sagrado e Profano”: a apropriação pelos escravos africanos e seus descendentes das impostas tradições e celebrações religiosas católicas a partir de seu universo de referência “de origem” e sua ressonância, ainda hoje, em expressões do catolicismo popular e festividades tradicionais.

Em contraste com o núcleo dedicado às religiões afro-brasileiras, cuja característica principal são os muitos e pequenos espaços expositivos, o núcleo dedicado às manifestações do catolicismo tem como marca as amplas seções expositivas cercadas por altas paredes, algumas pintadas em amarelo, que parecem fazer referência à monumentalidade dos templos, à visibilidade e às grandes multidões reunidas em torno das manifestações públicas referidas ao catolicismo no Brasil. Esse é o caso, por exemplo, do espaço que retrata as manifestações devocionais observadas nos grandes santuários de Juazeiro do Norte, de Bom Jesus da Lapa e de Aparecida, no qual observamos paredes cobertas em toda sua extensão por ex-votos e reproduções das figuras de Nossa Senhora, de Padre Cícero e de outros “santos” populares. No texto explicativo que acompanha o painel de ex-votos, a ênfase no



<http://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/arte/estabelecimento/pavilhao-da-oca>

caráter mágico e na estética reducionista das peças entalhadas em madeira que figuram nas “salas de milagres” dos grandes santuários, estabelece seu vínculo com as formas de pensamento e representação africanas. O núcleo “Sagrado e Profano” reúne ainda uma infinidade de fotografias e objetos que fazem referência a festas de irmandades negras, como as de Nossa Senhora do Rosário, e a festividades de origem europeia que teriam sido preservadas em várias regiões do Brasil graças às comunidades negras, como as Folias de Reis, as Cavalhadas, os folguedos de maracatu, o bumba-meu-boi maranhense, etc.

É a partir de duas tradições religiosas, portanto – o Candomblé e o Catolicismo –, que se compõem os dois núcleos do Museu dedicados à temática da religiosidade. É possível ainda encontrar referências à religião em outros núcleos expositivos do Museu, em especial naquele dedicado às artes plásticas, onde estão reunidas obras de vários artistas negros ou descendentes de negros, mais e menos reconhecidos no campo artístico, desde o período colonial.

Também aí as influências estéticas e preocupações temáticas, quando religiosas, dizem respeito a essas duas tradições específicas, ainda que com certa ênfase nas obras de artistas contemporâneos inspirados pela experiência religiosa afro-brasileira, como Mestre Didi, Ronaldo Rego, Rubem Valentim e o próprio Emanuel Araújo.

Como escreveu Araújo, no texto em que apresenta a proposta conceitual do Museu Afro Brasil, o principal objetivo e desafio da instituição é “registrar, preservar e argumentar a partir do olhar e da experiência do negro a formação da identidade brasileira”. Fazê-lo, conforme o curador, implica o compromisso em desconstruir imaginários e estereótipos que contribuíram historicamente para a desqualificação das manifestações intelectuais, artísticas, laborais, religiosas e, conseqüentemente, para a produção de um lugar de inferioridade do negro na sociedade nacional. Nesse sentido,

58

procurar compreender o modo pelo qual o religioso e a religiosidade são acionados para construir essa narrativa é lidar com essas tentativas de desconstrução, bem como com as elaborações em torno daquilo que se considera como capaz de “reforçar a auto-estima” ou “reconstruir a auto-imagem” das populações negras brasileiras. A ausência de qualquer referência às manifestações religiosas evangélicas pentecostais e neopentecostais na composição da narrativa museal é indicativa das dificuldades em combinar o reconhecimento de sua grande representatividade entre parcelas das populações negras contemporâneas e o discurso de valorização da identidade étnico-racial.

Fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>

5-RODA DE CONVERSA

5.1 Sucesso no Ensino Superior



Fonte: ipimaraba.blogspot.com

Lei aprovada em 2014 instituiu reserva de 20% das vagas para negros em concursos; 638 vagas já foram garantidas pela norma por Portal Brasil publicado: 15/11/2015 20h01 última modificação: 15/11/2015 20h01 Itens relacionados

- Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas
- Cotas elevam presença de negros nas universidades federais
- Série infantil destaca na TV o empoderamento do negro nos meios de comunicação
- Caravana promove igualdade racial em todo o país

A bem sucedida experiência de adoção de critérios sociorraciais para a reserva de vagas no ensino superior, que desde 2013 já incluiu mais de 150 mil estudantes

negros nas universidades federais, abriu caminho para que o Estado brasileiro encarasse outra frente de combate às desigualdades historicamente arraigadas no país: a baixa participação da população preta e parda no serviço público.

Em 2013, apesar de os negros serem 53% da população, o grupo representava apenas 32% do total dos servidores públicos. Um fator agravante é que dentro destes 32% a maioria estava em cargos com baixos salários. Em carreiras prestigiadas, como auditores fiscais e diplomatas, o percentual de negros era inferior a 15%. A quantidade de brancos ocupando cargos com nível superior é três vezes maior que a de pretos e pardos. Nos cargos comissionados, apenas 27% eram pretos ou pardos.

Um importante passo para mudar essa realidade foi dado em junho de 2014, com a sanção da lei que institui 20% de cotas para negros nos concursos públicos federais. A lei, que vale para todas as vagas abertas pelo Poder Executivo, já garantiu vagas para 638 candidatos negros, segundo levantamento da Secretaria de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial, vinculada ao Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

O número se refere ao período entre setembro de 2014 e abril de 2015, quando a secretaria monitorou 26 editais de concursos públicos. No total, foram ofertadas 4.177 vagas, das quais 638 foram para pretos e pardos. O número corresponde a 15,3% do total de vagas, ainda abaixo, portanto, do que a legislação prevê.

O número é mais baixo devido ao quantitativo de vagas disponível nas diversas profissões. A lei se aplica somente em casos onde o número de vagas para cada formação é superior a três. Por exemplo, em um concurso onde são ofertadas duas vagas para administrador, duas vagas para advogado e três vagas para contador, a lei se aplica somente no caso das oportunidades para contador, já que nos outros casos o número de vagas é insuficiente para garantir a reserva de cotas.

Como consequência dessas situações, o percentual global é inferior aos 20% estabelecidos pela lei, já que em muitos editais são ofertadas uma ou duas vagas para a maioria das profissões.

A avaliação da ministra Nilma Lino Gomes, no entanto, é que a lei está cumprindo seu papel de inserir mais negros na administração pública federal.

Como funciona

A legislação prevê a reserva de 20% das vagas em concursos públicos federais para pessoas que se autodeclarem pretas ou pardas, utilizando a mesma metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No caso de concursos que ofereçam uma ou duas vagas, a orientação é que os candidatos chamados posteriormente, com o surgimento de novas vagas, sejam classificados respeitando o percentual estabelecido em lei.

Um exemplo: um concurso oferece no edital duas vagas para administrador. Posteriormente, vagas são criadas e a instituição acaba nomeando dez administradores.

Devido a lei, neste total de dez nomeações, pelo menos duas terão de ser de candidatos negros, respeitando os 20% da lei 12.990.

Esse cuidado foi tomado para que o espírito da lei seja cumprido integralmente, independentemente do número de vagas que possam surgir no futuro.

O exemplo do poder executivo federal já surtiu efeito para os demais poderes e entes. Além de municípios como Uberaba (MG) e estados como o Amapá, o poder judiciário também adotou a medida. No início de 2015, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução estabelecendo 20% de cotas para negros em todos os concursos do Judiciário federal.

Além de estabelecer a regra, o Judiciário adotou um sistema de verificação da autodeclaração, feito para assegurar a correta concorrência nas vagas destinadas a negros. A medida é uma forma de prevenir fraudes no sistema.

O governo federal trabalha agora no aprimoramento da lei e em sua monitoração, além de orientar órgãos públicos quanto a sua aplicabilidade.

Fonte: <http://www.seppir.gov.br>

5.2 - Que valores a mulher Africana leva às sociedades?



<http://www.ccn.unb.br/agenda-africana>

Encontro realizado em Washington em 23-06-16 para formar novas gerações de mulheres capazes de se inserir em suas sociedades e serem portadoras de valores para que se ouça sua voz com clareza para ativar ações capazes de derrotar a fome e a miséria.

Nos trabalhos, foram evocados alguns episódios sobre as batalhas de mulheres africanas por um mundo melhor e redigidos dois documentos sobre a importância do papel feminino. O primeiro evidencia que no mundo as mulheres são as primeiras e principais vítimas de desnutrição e violência. O segundo insiste na importância decisiva da formação das jovens a fim de acentuar a autonomia econômica e conseqüentemente, o peso específico no mecanismo de decisão e político das sociedades.

Já na mensagem conclusiva dos trabalhos, as mulheres africanas frisam a importância de fornecer sua contribuição às mudanças culturais em relação a seu papel na sociedade: “Como mulheres africanas e de fé devemos desafiar e ativar as estruturas institucionais opressivas e as normas sociais e culturais que perpetuam a discriminação e erguem barreiras à esperança de muitas jovens e mulheres”, diz o texto.

Fonte: http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/23/que_valores_a_mulher_africana_leva_%C3%A0s_sociedades_/1239

5.3 EDUCAÇÃO NÃO TEM COR



Fonte imagem: http://2.bp.blogspot.com/-GJST7IkO1s/TZcjPNq4R0I/AAAAAAAAa6Y/6uH1e_cyhdM/s1600/bandeiras+como+m%C3%A3os+entrela%C3%A7adas+bom.jpg

(...) de acordo com especialistas, uma das saídas para o fim das desigualdades educacionais do Brasil está em enfrentar as desigualdades raciais que estão presentes, sim, no ambiente escolar. - Como? A começar pelo currículo. “A história e a cultura negras têm pouco ou nenhum destaque, diferentemente da cultura européia”. Em um país com 51% de população afro-descendente, quantas pessoas conhecem a rainha Nzinga, líder da libertação do reino africano Ndongo em 1660, ou Dandara, guerreira do Quilombo dos Palmares, ao lado de Zumbi?

Outro dado: a participação das crianças negras na última série do Ensino Médio representa a metade da registrada na 4ª série do Ensino Fundamental. Já os brancos somam 44% dos alunos da 4ª série, mas totalizam 76% na 3ª série do Ensino Médio. Mais: a escolaridade média de um negro com 25 anos gira em torno de 6,1 anos. Um branco da mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo. Dessa maneira, é possível concluir que crianças negras, enfrentam muitos obstáculos para permanecer na escola. E, sem dúvida, estão nas mãos dos professores e professoras o futuro delas como alunas e cidadãs, defensoras de seus direitos.

(...) os negros alcançaram importantes conquistas na educação. E somente agora há sinais concretos de mudanças para o futuro nas relações inter-raciais. Primeiro foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que orientam a promoção da igualdade em um dos temas transversais, Pluralidade Cultural. Em seguida, veio a elaboração das Propostas Curriculares nos Estados. Mais um passo muito maior e mais significativo para o ensino foi dado com a obrigatoriedade do

ensino da história e cultura afro-brasileira e africana através da Lei 10.639/03, em que ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. "A legislação rompe com a ordem dos currículos ao propor um novo conhecimento científico contrário à superioridade da produção cultural europeia", afirma Eliane Cavalleiro, pedagoga e coordenadora-geral de Diversidade e Inclusão Educacional do Ministério da Educação (MEC).

Ou seja, o mundo não se resume às conquistas e derrotas do continente europeu.

O documento determina que a história da África seja tratada em perspectiva positiva, não privilegiando somente as denúncias da miséria que atinge o continente. A importância dos anciãos na preservação da memória e a religiosidade, por exemplo, passam a fazer parte dos conteúdos, assim como o conhecimento da contribuição dos egípcios para o desenvolvimento da humanidade. As marcas da cultura de raiz africana devem ser ressaltadas particularmente em Artes, Literatura e História do Brasil. Os professores precisam valorizar a identidade negra e ser capacitados para destruir o mito da democracia racial no Brasil, termo usado para escapar do racismo e da discriminação racial. "Quem estudou nas décadas de 1970 e 1980 aprendeu nos livros que o apartheid era um fenômeno de segregação racial restrito à África do Sul e que no Brasil não existia racismo. Não podemos mais acreditar nisso" afirma Cidinha da Silva, historiadora e presidente do Instituto da Mulher Negra (Geledés), de São Paulo.

O trabalho de educação anti-racista deve começar cedo. Na Educação Infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. Por isso, deve ser cuidadosa a seleção de livros didáticos e de literatura que tenham famílias negras bem-sucedidas, por exemplo, e heróis e heroínas negras. Se a linguagem do corpo é especialmente destacada nas séries iniciais, por que não apresentar danças africanas, jogos como capoeira, e músicas, como samba e maracatu?(...)

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/educacao-nao-tem-cor-425486.shtml>

QUER SABER MAIS?

Veja mais artigos:

- <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/qt-historia-da-midia-impressa/a-cultura-afro-brasileira-em-foco>
- https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_III.php
- <http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>
- <http://revistaescola.abril.com.br/consciencia-negra/africa-brasil/cultura-afro-brasileira.shtml>
- <http://revistaescola.abril.com.br/consciencia-negra/africa-brasil/identidade-negra.shtml>
- http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf
- <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2012v9n2p32/25053>
- http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf
- <https://anajoalagoas.wordpress.com/>
- <http://conexaoto.com.br/2013/05/23/parana-sedia-primeira-regional-da-conferencia-de-igualdade-racial-do-tocantins>
- <http://www.palmares.gov.br/?p=3306&lang=fr>
- <http://www.gruconto.blogspot.com.br/>

6-PROJETOS TOCANTINENSES QUE PROMOVEM A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO- BRASILEIRA E AFRICANA.

6.1 Instituto Crespas.TO



<https://www.facebook.com/CrespasTO-761571390539379/?fref=ts>

O Instituto nasceu do Movimento Encrespa Tocantins criado em 2014. Através de suas próprias experiências com relação ao preconceito enraizado na sociedade várias mulheres se reuniram e começaram a discutir a valorização do cabelo crespo como uma das ações de combate ao preconceito contra a mulher. O Instituto incentiva a valorização da identidade e considera o cabelo não como algo meramente estético, mas sim como a raiz da resistência. O Instituto não prega ditadura sobre cabelos, porém usa desse elemento de composição da identidade para levantar o debate sobre a valorização e quebra dos preconceitos sociais. Como a falta de preparo e conhecimento dos salões de beleza para cuidar do cabelo crespo é um dos fatores gritantes o Instituto leva oficinas gratuitas para compartilhar dicas, sugestões e desmistificar a ideia errônea e preconceituosa de que o crespo não é bonito.

Coordenação Geral:

-Maria José Cotrim – Jornalista, Especialista em Comunicação Étnico-Racial e idealizadora do Movimento Encrespa Tocantins.

OBJETIVO GERAL: Valorizar o cabelo crespo bem como estimular a autoafirmação e valorização da identidade

OFICINAS REALIZADAS PELO INSTITUTO

UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

Dinâmicas e repercussão de casos de preconceito;

- Conceitos que reforçam o preconceito;
- Contextualização e estereótipos;
- Conscientização sobre a formação da identidade;
- Ações de combate ao preconceito diário;

PRECONCEITOS EM SALA DE AULA –

- Reflexões sobre o preconceito em sala de aula;
- Abordagens de combate ao racismo;
- Cumprimento da lei 10.639 que obriga o ensino da cultura afro nas escolas;

CUIDADOS COM OS CABELOS CRESPOS-

- Dinâmica: Solte a diva que existe em você;
- Cabelos crespos e suas categorias;
- Conhecendo a textura do cabelo crespo/cacheado;

TRANÇAS E RASTAFÁRI

AMARRAÇÃO DE TURBANTES História dos Turbantes;

- Associação com a Moda e homenagem aos ancestrais

- Dicas práticas de amarrações;

Fonte: Informações cedidas por Thaís Souza – Jornalista, especialista em Docência do Ensino Superior, integrante do Instituto Crespa.TO

Contato: <https://pt-br.facebook.com/CrespasTO-761571390539379/>

PARA SABER MAIS:

<http://g1.globo.com/to/tocantins/jatv-1edicao/videos/t/edicoes/v/movimentos-de-preservacao-da-cultura-negra-no-to-falam-sobre-preconceitos-e-conquistas/3778786/>

6.2 Palmas Hip Hop participa de atividades em comemoração à Semana da Consciência Negra



Fonte: <http://palmashiphop.blogspot.com.br/>

A Associação Palmas Hip Hop participa ativamente de diversas atividades da Semana da Consciência Negra. São palestras, apresentações culturais, debates entre outras atividades que contribuem para a difusão do movimento e das temáticas referentes ao povo negro

Na quarta-feira, 20, integrantes da entidade, como os rappers Markim Dazantigas, Mina Tay e Dj Leo Vennezi participaram do evento “Juventude Negra em Resistência”, realizado pelo coletivo Enegrecer, com a proposta de discutir a igualdade racial.

O DJ Jadson Black e os B.boys Balá e Rony também integraram a programação realizada no Centro de Ensino Médio de Taquaralto e na Escola Estadual Maria dos Reis, no Jardim Taquari, realizadas no dia 20.

Nesta sexta-feira, 22, às 9h, o rapper Don MC e o DJ Jadson Black e as 20h30, Mano Wilson integram a programação da Semana da Igualdade Racial e Consciência Negra da Faculdade Católica.

No sábado, a partir das 8h30, Don MC participa de debate no projeto Mama África, desenvolvido no Centro de educação de Jovens e Adultos Jandira Torres Rodrigues, localizado no Jardim Aurenly III.

A participação também se estende até o município de Lagoa da Confusão, onde acontecem até esta quinta-feira, 21, palestras e atividades culturais com Don MC e os B.Boys Charles e Perna. Além da temática negra a atividade também envolve discussões sobre consumo de álcool e outras drogas.

Para o presidente da entidade, Marcos Antônio Silva (Don MC), o hip hop tem papel fundamental na discussão sobre igualdade racial. “O hip hop integra o movimento negro e por isso não poderíamos estar de fora das programações alusivas a essa data tão importante”. E ressaltou, “além de discutir estamos fazendo a nossa parte para propiciar inclusão e para contribuir com o combate ao extermínio da juventude negra”.

Fonte: <http://palmashiphop.blogspot.com.br/>

6.3 Alguns Grupos Escolares Tocantinenses que trabalham com a temática Cultura Afro-Brasileira e Africana.

GRUPO DE SUSSIA TIA ZEZINHA – Escola Estadual Fulgêncio Nunes

Município: Chapada da Natividade

Responsável: Professora Roberta - Profª de História e pós graduada em Cultura Afro brasileira e Africana.

Histórico: O grupo iniciou em 2015 e é composto por alunos do Ensino Fundamental e Médio.

GRUPO DE ESTUDO AFRO E QUILOMBOLA – NEAQ – Colégio Estadual de Muricilândia.

Município: Muricilândia

Responsável: Profº Manuel Filho

GRUPO MIRIM DE SUSSIA E CONGO DO MORRO SÃO JOÃO – Escola Municipal José Ayres Silma

Responsável: Carlos Eduardo

Histórico: 90% dos alunos e alunas são afro descendentes e o grupo é composto por estudantes do Ensino Fundamental

GRUPO DE HIP HOP E RODA DE SABERES – Colégio Estadual Duque de Caxias

Município: Taquarussu

Responsável: Profº: Maximiano dos Santos Bezerra

7- RELIGIOSIDADE E CULTURA



<http://www.mundoamazonia.com.br/>

Liberdade religiosa: REALIDADE OU UTOPIA?

A liberdade religiosa diz respeito ao direito tanto na escolha de determinada convicção ou tradição religiosa quanto o de não proferir religião alguma. A laicidade do Estado se institui como mecanismo democrático, pressuposto e garantia da liberdade de religião, filosofias, crenças, opiniões e convicções e de que todas as religiões possam conviver em igualdade. -

(<http://secom.to.gov.br/noticia/247949/#sthash.2W3HBNN0.dpuf>)

Um Deus, diversas divindades

As religiões de matriz africana, ao contrário do que se poderia imaginar, não são religiões politeístas. São monoteístas. Conforme a tradição Yorubá, Olodumaré (ou Olorum) é o nome do único Deus Supremo, o Senhor absoluto sobre o que há no céu e na terra. Olodumaré é Único, Criador, Rei, Onipotente, Transcendente, Juiz e Eterno. Não recebe cultos e oferendas diretamente. Mas sempre que um africanista invoca uma divindade, a oração inicia por **Axé (se Deus puder aceitar esta minha oração)**.

As divindades que recebem cultos e oferendas são os Orixás. São figuras divinizadas a serviço do governo do mundo. Algumas destas, ao lado de Olodumaré, participaram da criação do mundo (Oxalá, Oxum e Iemanjá).

Outros são ancestrais. São homens e mulheres que, por suas vidas exemplares, foram divinizados e agora personificam forças e fenômenos naturais. Cada Orixá representa uma força da natureza. Por isso muitos classificam estas religiões como animistas. Quando um devoto dessas religiões invoca seu Orixá, ele se refere às forças da natureza pertencentes à criação do Pai Olodumaré.

CURIOSIDADES SOBRE OS ORIXÁS

Entre outros, os mais cultuados são: Exu (Bará): cuida dos prazeres, da virilidade, da procriação. Vestido com um manto vermelho e correntes, cumpre a função de ligar o humano ao espiritual.

Ogum: envolto em vestes de metal e cheio de armas, é o dono do ferro forjado e o que dele derivar. Sua força se destina aos que precisam de socorro imediato.

Iemanjá: veste-se como as ondas do mar e sua espuma. Enfeitada de estrelas e conchas marinhas, recebe a incumbência de iluminar as estrelas e cuidar da clareza dos pensamentos dos filhos de Olodumaré.

Iansã: traz ventos e frescor. Coberta de exuberantes adornos de cobre, administra os montes com seus ventos. Proporciona alegrias, moradia e panelas fartas em alimentos.

Xangô: se apresenta como força incandescente. A ele cabe zelar para que em cada amanhecer o sol traga seu calor e clareza, e que, por sua força e sabedoria, seja feita a justiça. Também cuida do jogo.

Odê e Otim (Oxossi): enfeitados com peles e penas, têm a função da caça e da pesca, bem como cuidam da alimentação. E por serem jovens cheios de vitalidade, assumem o cuidado do crescimento das crianças.

Obá: simples, firme, seguro e adornado com uma navalha, tem a seu encargo a guarda dos caminhos. Ademais, Olodumaré ordena que Obá zele pelas amizades e que corte as intrigas com a sua navalha.

Oxalá: é o mais velho dos filhos de Olodumaré. Usa vestido de algodão branco e cumpre a função de administrar a evolução espiritual e a paz entre todos os seres humanos.

Ossanha: veste folhas e sabe lidar com as ervas (plantas) que curam.

Oxum: revestida de ouro e riquezas, é a responsável pela beleza e pela fecundidade. Assume a tarefa de harmonizar os lares, cuidar das famílias, das crianças, das nascentes dos rios e da água doce.

Para cada momento da vida de uma pessoa, família ou grupo social a cultura religiosa africanista destina a proteção de um ou mais Orixás. Não há espaço para a solidão ou para a falta de proteção divina. Tudo que é da vida é da religião.

Além da interligação do humano com o divino, as Religiões dos Orixás (permita denominá-las assim) cumprem também importante papel social na vida de seus adeptos. A dura vida do trabalho forçado, a marginalização e o racismo que os acompanha desde os primórdios da escravidão, encontrou nos terreiros, sob a proteção dos Orixás, um importante lugar de liberdade e experiência cidadã. Mas não só naquele tempo.

A maioria dos negros ainda hoje permanece na periferia da sociedade devido a um avassalador processo de marginalização e exclusão social. Por isso, os terreiros das religiões de matriz africana continuam sendo um privilegiado lugar de integração social e formação cultural. É nos terreiros que eles se sentem acolhidos e respeitados.

Fonte: <http://www.mundojovem.com.br/artigos/religoes-de-matriz-africana>

7.1 Vídeos sobre a temática:

- <https://www.youtube.com/watch?v=zb6QKsqrF3I> -
- Diversidade religiosa na África - A tolerância e a paz entre as religiões africanas.
- Publicado em 19 de out de 2012
- <http://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrika...>
- <https://www.youtube.com/watch?v=T5zeJLQGPis> - Religiosidade Africana
- https://www.youtube.com/watch?v=MUCW_yYf0ZE

Nas religiões de matriz africana, como é o caso da Umbanda, do Candomblé e do Tambor de Mina, prepondera o respeito ao ancestral e às forças da natureza. Esse vídeo pretende mostrar, de forma resumida, uma visão de como se desenvolveram essas e outras religiões de matriz africana em solo brasileiro.

8- CONSIDERAÇÕES

É inegável reconhecer que somos um país racista. Essa afirmação é relativamente recente e resulta de uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e da força organizada dos movimentos sociais. Esta luta foi conquistada e alcançada com muita luta, fruto de milhares de debates e embates na sociedade

brasileira, como um todo e, engajamento de muitos pares em todas as esferas do poder público.

Hoje, esse reconhecimento chegou, por meio de um país que enxerga e reconhece a sua negritude e a necessidade de superação dessas desigualdades.

Esse reconhecimento está relacionado com a criação de uma Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial com status de Ministério, a qual inspirou a criação de outras tantas nos níveis municipal e estadual; outro exemplo está na formulação de políticas públicas para o enfrentamento do racismo, inclusive o Sistema de Cotas Raciais nas Universidades brasileiras, fator que tem suscitado em outros países a necessidade de implantação desta modalidade de ingresso e de inclusão social; outro fator de reconhecimento mostra-se pela realização de pesquisas, de estudos e de produção de livros (inclusive didáticos), de revistas, de programas e de estudos em diversos campos a respeito do racismo, de suas manifestações e de seus impactos na sociedade; também nos registros de dados feitos pelo IBGE e por outros institutos renomados do País, comprovaram e visualizaram a existência do racismo e da superação do racismo.

Passos, atitudes e engajamento são expressões firmes para o enfrentamento do racismo em todas as instâncias de atuação. Quer seja no ambiente do trabalho, nas escolas, nos espaços de lazer, nas atitudes, nos momentos de formalidade e também, na informalidade, em instituições, na rua, a palavra de ordem é: Enfrentar. Reconhecer que o racismo existe no Brasil, de norte a sul, que ele se manifesta e se expressa em diferentes níveis, a partir de diferentes mecanismos de atuação é fundamental para avançarmos em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

Mas, a sociedade brasileira precisa avançar muito, no sentido de superar tantas desigualdades, especialmente, no que diz respeito ao preconceito racial.

Dentro do sistema educacional pode-se constatar que, mesmo tendo havido tantos avanços, os negros ainda estão em desvantagem, muitas vezes, ainda, à margem do sistema educacional brasileiro. Mesmo com todos os investimentos feitos nesta última década, o tema racismo ainda não foi esgotado. Há muito que se pesquisar à respeito da situação do negro na educação brasileira. Os resultados são limitados e deixam o campo aberto para mais estudos nessa área, como por exemplo: a memória e ideologia.

9- REFERÊNCIAS

1. <http://www.mundojovem.com.br/artigos/religioes-de-matriz-africana>
2. <http://palmashiphop.blogspot.com.br/>
3. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100012
4. http://br.radiovaticana.va/news/2016/06/23/que_valores_a_mulher_africana_leva_a_%C3%A0s_sociedades_/1239376
5. <http://www.seppir.gov.br>
6. <http://www.museuafrobrasil.org.br/>
7. <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/educacao-nao-tem-cor-425486.shtml>
8. site <http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-422-entrevista-e-tempo-de-resgatar-a-cultura-afro-brasileira>.
9. <http://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>.
10. <http://modamodamoda.com.br/cabelo-bom-e-o-que/>
11. <http://www.aslendasdedandara.com.br/>
12. RAMOS, Camila Souza e FARIA, Glauco. *Papel da mídia e da educação no combate ao preconceito no país*. In: Revista Fórum. 09 de fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em março de 2016.
13. Isabel Aparecida dos Santos Mayer *Especialista em Pedagogia Social pela Universidade Salesiana de Roma. Atua no Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac), onde realiza formações para educadores. (veja site):* <http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-422-entrevista-e-tempo-de-resgatar-a-cultura-afro-brasileira>
14. ¹ As dicas de leitura são retiradas na íntegra do site <http://sacudindoaescolaesuperandopreconceito.blogspot.com.br/p/dicas-de-leitura.html>. Acesso dia 17 de jun/2016.
15. ARAÚJO, Emanuel. *Museu Afro Brasil – Um Conceito em Perspectiva*. São Paulo, 2006. (Trecho disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>) Idem.
16. Fernanda Heberle (Mestranda em Antropologia Social pela UFRGS)
17. CAVALLEIRO, Eliane. *Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor*. In: _____. CAVALLEIRO, Eliane org. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.
18. JEAN, George. *O racismo contado às crianças*. Lisboa. Terramar, 1997.
19. MUNANGA, Kabengele. *Estratégias de Combate à discriminação Racial*

20. (org.)São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.
21. Kabengele. Negritude: usos e sentidos . São Paulo. Ática 1986
22. Kabengele.Superando o racismo na escola. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade(SECAD),2005.
23. SANTOS, Joel Rufino dos.Gosto de África: histórias de lá e daqui . São Paulo, Global, 1999.
24. Global, 1999.